







10  
Port 5946.3.20

Ludovina

Ludovina

Jo

Offerecido a Ex<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup>

D<sup>na</sup>

Lula Adelaide Pres da  
S<sup>a</sup> Lessa

Por

Alexandre Jose da S. P. B.  
A

27



**OBRAS**  
**DE**  
**ALEXANDRE BRAGA.**



GG 0

**OBRAS**

**DE**

**ALEXANDRE BRAGA.**



**VOZES D'ALMA,**

**PORTO**

**TYP. DE J. L. DE SOUSA ,**  
*Rua do Bomjardim n.º 649.*

**1849.**

Port 5946.3.20

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION

GIFT OF  
JOHN B. STETSON, Jr.

AUG 14 1924

A MEU PAZ,

O SR. ALEXANDRE JOSÉ DA SILVA BRAGA,

DEDICO

*estes meus primeiros ensaios poeticos, como  
um penhor de gratidão e amizade filial.*

1911

1911

1911

1911



OU juntar mais um livro aos muitos que por  
ahi andaõ a rôdo, despresados por todos  
neste seculo d'illustração e *progresso* em que tão só-  
mente se leem, no nosso velho e estropeado Portugal,  
meia duzia de novellas d'*Alexandre Dumas*, e *Eu-  
genio Sue*, ou algum artigo e folhetim de gazeta.

Não ignoro isto — não sou tão louco que desco-  
nheça este desamor, ou antes *despreso*, com o qual  
são recompensadas entre nós as cousas patrias; conhe-  
ço-o perfeitamente, e não tenho esperança alguma de  
vêr, isenta da sorte commum a todas as obras nacio-  
naes, esta pequena collecção dos meus primeiros en-  
saioes poeticos. Creio n'isto tão firmemente como ac-  
redito que, no fim dos séculos, terei de comparecer  
no célebre valle de Josaphat: todavia não tive o va-  
lor bastante para entregar ás chammas, ou conservar  
por mais tempo inéditas as poesias, que agora dou á  
luz.

Escrevi-as quando era mais ditoso do que hoje sou; quando a existencia era para mim antes um sonho do que uma realidade; quando via o mundo, atravez do prisma mentiroso das illusões, não um deserto esteril e medonho, onde o homem vaga como espectro, como escravo da graça; mas um jardim de fadas; mas um éden de delicias, um verdadeiro paraíso do Al-Corão — quando a vida me sorria tão feliz e tão bonançosa, como deverião ser os primeiros dias d'*Adão e Eva* — como *Milton* os pôde imaginar. Escrevi-as taes como m'as dictou o coração, como ellas vinhaõ lá de dentro, do mais recondito de minh'alma: hoje porém que, tão moço ainda, já vejo perdidas todas as minhas esperanças de mancebo; extinctas todas as illusões que me doiravaõ a obra do Creador; todos os sonhos que sonhára acordado — que valor não fôra necessario para entregar ás chammas tudo quanto me resta, as recordações d'um passado venturoso, — esta pequena collecção de saudades, estas vozes de minh'alma transmittidas ao papel na linguagem da poesia, nos echos do coração? Era mister ser um *Chatterton*, como o pôde conceber *Alfredo de Vigny*, para as purificar no fogo, e enviá-las ao céu em sacrificio solemne!

Hesitei contudo algum tempo em lhes dar publicidade; mas já muitas d'ellas tinhaõ sido estampadas nas columnas d'esses jornaes que por ahi vogaõ. . . Esta idéa fez-me resolver em fim a juntar, e inserir n'um volume não só as poesias já publicadas, mas



tambem outras muitas que conservava inéditas: formei pois este livro que arremeço á multidão que nunca o entenderá — e ao pequeno numero d'eruditos que talvez o porão na estante sem o lerem, ou m'o atirarão, depois de o haverem folheado, debaixo da banca, e lhe darão um pontapé de desprezo, espiquiçando-se na poltrona, e balbueiando a custo: — « *Il' precisa ter paciencia de Job para o lér!* » — e continuarão depois, como até esse tempo, no seu *sancto* ocio.

E é isto o que devo esperar. Infelizmente não tenho um nome conhecido, e o nome, quasi sempre, é o *escudo* do escriptor.

Todavia julgo que a critica deverá ter para comigo alguma contemplação. Este livro é, como já disse, uma pequena collecção das minhas primeiras produções poeticas, e por isso mesmo quero-lhe muito, mas não me cega tanto este amor que o julgue isento de defeitos: creio sim que ha n'elle alguma poesia, quando não tenha outro nenhum valor — e já isto é bastante merito para uma obra que não passa d'um primeiro ensaio: demais, conto apenas vinte annos d'idade, e algumas das poesias, insertas n'este livro, tinhaõ já sido escriptas e publicadas em 1847 — é verdade que, não só estas, mas todas aquellas que julguei carecerem de reforma, foraõ agora augmentadas, diminuidas, ou alteradas como melhor me conveio; mas nem por isso deverão exigir de mim toda a méstria d'um homem que consumisse dez ou vinte annos na leitura d'um *Schiller*, ou d'um *Byron*.

A' vista d'estes motivos julgo que deverei esperar alguma benevolencia da parte do leitor; e se me não enganar, se emfim tiver a ventura — (o que será difficil) de não desagradarem as *Vozes d'alma*, não será este o ultimo livro que darei a lume; mas se, pelo contrario, ellas forem despresadas, ver-me-hei constrangido a seguir outro rumo — escreverei artigos e folhetins de gazeta.

Porto 31 de Julho de 1849.



## INVOCACÃO.

**Q**U, oh musa dos céus, que meiga inspiras  
Aos archanjos do Eterno os sacros hymnos,  
Desce á terra uma vez sobre aurea nuvem  
Recamada d'azul, de prata, e fôgo!....  
Rainha da poezia, ao pobre bardo  
Vem risonha affagar; co' as tranças d'oiro  
Lh' enxuga o triste pranto da saudade,  
E em ternissimas queixas, pouco e pouco,  
Lh' ensina a minorar as magoas d'alma.  
Vem, com meigo sorriso, e ledô rôsto,  
Com traçesso folgar, dictar-lhe os carmes,  
Concertar-lhe da lyra as aureas cordas,  
Doirar-lhe as illusões, doirar-lhe a vida,  
Ensinar-lhe na terra os sons dos anjos!  
Oh musa divinal, nos meigos olhos  
Traze o fôgo dos céus; n'um seu requêbro


Lhe abraça o peito , lhe aviventa o éstro !  
S'elle carpir d'amor , sejaõ seus versos  
Como extremo cantar de brando cysne ;  
Se alegre descantar d'amor os gôsos  
Mane dos labios seus o mel celeste,  
Anda ensinar-lhe a lér na luz dos astros ;  
No susurro dos mares , da floresta ,  
No ronco do trovão , mostra-lhe , oh Musa ,  
D'um Deus a omnipotencia , a voz do mundo.  
Vem inspirá-lo — em paga te protesta  
Tão doces carmes modular na terra ,  
Que os repitaõ nos céus os proprios anjos,

Porto 6 de Fevereiro de 1847.



**GONÇALO HERMIGUES.**

**I.**

—  ia ! remeiros , aos remos ,  
E remar a bom remar ,  
Que já doira a luz da auróra  
As rochas á beira-mar :

Aos remos ! vamos . . . ligeiros  
Do Tejo as agoas cortae ;  
— São tão lindas estas margens ,  
Estes céus ! — remae , remae :

Vamos ! vamos ! junto á terra ,  
Do musgo junto ao verdor  
Eia ! remae ; não me roubem  
D' *Almada* a mais linda flôr .

Remeiros, remae, que os astros  
Já fogem á luz do sol —  
E, na floresta perdido,  
Canta ao longe o rouxinol:

Remae, remae, n'essas praias,  
Entre incantos mais de mil,  
Festejando a madrugada  
Já folga a moirisma vil.

Remae, que busco a mais linda  
D'entre as *houris* do Corão,  
Que tenho alli, entre moiros,  
Alma, e crença, e coração. . . .

Tenho-a alli bella florinha  
Linda pérola do Islam,  
Mais feiticeira, mais pura  
Do que a brisa da manhã:

Vi-a, e logo escravo d'*ella*  
Quiz colher tão linda flôr,  
Jurei-o por Deus: não quebra  
Sua jura o trovador.

Eia! remae. . . Contra os moiros  
Vamos além pelejar:  
— Folgae, perros, que o Propheta  
Não vos ha-de abandonar!

A correr, entre a verdura,  
Vêde o Tejo de crystal;  
Vêde a brincar co'as flôrinhas  
Doce brisa matinal:

Vêde da *Arrabida* as serras,  
Com nublado, extenso véu,  
Lá d'entre as vagas subindo  
Gigantescas quasi ao céu!

Mas tremei. . . D'*Hermigo* a sombra  
Contra vós se levantou —  
Tinta de sangue, irritada  
Esta espada me entregou.

Ei-la aqui: trocou por ella  
Pobre lyra o trovador;  
Paterna herança, este ferro  
E' dos moiros o terrôr! . . . .

Mas. . . olhae. . . Lá folga alegre  
Entre as donzellas d'Allah —  
Ei-la ahi, estrella d'alva,  
Linda rosa de Judah!

Remeiros, é tempo, á terra,  
Guiaie á terra o batel;  
— Dorme o anjo da pureza  
Entre a moirisma infiel.»

E os remos remão ligeiros  
Sempre, sempre, sem parar,  
E a barca a fugir parece  
Formoso cysne a boiar;

Já das margens c'os perfumes  
Vem a brisa a rescender. . .  
Perto estão: brandas areias  
Começa a barca a fender.

— « Vamos, remeiros, aos moiros!  
Tomae lanças e broqueis. . .  
Não nos esperaõ. . . A' guerra!  
Guerra e morte aos infieis! » —

## II.

Já doira as agoas do Tejo  
Da manhã sereno alvôr,  
E os moiros conversaõ ledos  
Ou de guerras, ou d'amor.

Pelas praias, descuidadas  
Que lindas moirás lá vão! . . .  
Quem n'as vê fica sem alma  
Seja infiel ou christão:

Fica sem alma, que, ao vê-las  
Tão gentís, todas do céu,  
Ninguém resiste — e por ellas  
Moirar-me quizera eu!



Tudo é paz : já não fulgura  
D'*almenara* a horrível luz ;  
O pendão das meias luas  
Não teme os crentes da Cruz.

Longe , bem longe d' *Almada* ,  
Jaz d'Ourique o vencedor :  
Do Mondego o prendem agoas ,  
Das margens d'elle o verdôr :

Mas ao largo horrível grita  
Pelo espaço retumbou ;  
Grito de guerra . . . entre os moiros  
Terror de morte espalhou !

— « Crentes d'Allah , eis a gente ,  
Eis a grita do Christão ;  
Fujamos . . . não é vergonha  
Fugir d'infame traição ! »

— « Sanct'Iago e rei Affonso !  
Vamos ! vamos ! batalhar ;  
Ricos despojos de guerra  
Hão-de estas praias juncar !

Vamos . . . não fica no campo  
Um só neto d'Ismael ,  
Quando de *Gongalo Hermigues*  
Reluz o ferreo broquel !

Nem ficará, qu'eu protesto  
D'estes perros triumphar;  
Mil turbantes e mil craneos  
Hão-de estas praias juncar! —

Disse, e com medonho aspecto  
Brande a espada o trovador —  
*Espada que se não lorce,*  
*Que é dos moiros o terror!*

Quando brilha é mais terrível  
Que do raio atro claraõ,  
— Não lhe resiste érea cota,  
Nem ferrenho morrião!

Não resistem, que essa espada  
E' sempre aos moiros fatal:  
Onde passa, abre na terra  
Rubro lago, por signal.

Fogem os moiros, inermes  
Nem procuraõ resistir....  
Oh! que horror!.... Terrível noite  
Venha estes sitios cubrir!

Venha-os cubrir: não se veja  
Tão cruento batallar!  
Não se vejaõ mil cabeças  
Mutiladas, pelo ar!

Não se vejaõ vinte adagas  
Tintas em sangue infiel;  
Nem morrer velhos e virgens  
Da batalha no tropel!

Crentes d'Allah! não vos salvaõ  
As sanctas leis do Corão;  
O pendão das meias luas  
Cahio aos pés do Christão!

Sois escravos! . . . . Contra *Hermigues*  
Quem poderá batalhar?  
Ai! de vos, que n'estas praias  
Nunca mais vireis folgar!

Nunca mais vireis, contentes  
A' luz nascente do sol,  
Do Tejo nos densos bosques  
Escntar o rouxinol:

Nem a brisa ha-de abrandar-vos  
D'ardente sesta o calôr,  
Nem vossas virgens fallar-vos  
D'Allah, da patria, e d'amor.

Crentes d'Allah, não vos salvaõ  
As sanctas leis de Corão. . . .  
Em vão chamaes o Propheta:  
Sois escravos do Christão.

III.

Onde vaes, *Gonçalo Hermigues*,  
Quem te faz correr assim?  
Levas, nos braços de ferro,  
Meigo, gentil cherubim!

De moiro, que degollaste,  
Montas sangrento corcel:  
Treme inda d'espanto ao ver-te  
Dos captivos o tropel....

E tu fóges! Póde acaso  
Tornar-te cobarde o amor?  
Foges porque tens nos braços  
D' *Almada* a mais linda flôr?

E o corcel corre ligeiro  
Como a setta a sibilar,  
Como o fôgo da tormenta,  
Como as ondas lá no mar:

Corre, corre.... mas agora  
Oh! já não póde correr....  
—« Pára, e treme, *Dom Hermigues*;  
Ou resgatá-la, ou morrer.

Elle parou — vio a furto:  
Ferrênho alfange luzir,  
E sentio, d'entre seus braços,  
A linda moira fugir:

Olhou... Ao longe correndo  
Montado em leve corcel,  
Audaz, valente guerreiro  
Leva o anjo d'Ismael.

*Hermigues*, treme... No peito  
Sente a vilta, sente o amôr;  
Receio não; nada teme,  
Que é mancebo e trovador:

— « Corre, corre, meo ginete,  
Moiros mil aos pés calcar,  
Que me roubarão dos braços  
O anjo do meu sonhar!

Disse e parte: — mais que o vento  
Corre o fogoso alasaõ;  
Corre, corre mais que o raio,  
Mais que a lava do volcãõ:

Corre, corre... ei-los já perto...  
Ei-los juntos, e a brigar!  
Entre golpes mil de morte  
Cahe morto o neto d'Agar.

Pallida e muda a donzella  
Branca estatua — alli ficou,  
Quando *Hermigues* triumphante  
Como escravo assim fallou:

— « Ah ! não temas : são teus loiros  
Os loiros do vencedor ,  
Dá-te a gloria o cavalleiro ,  
Dá-te a lyra o trovador ;

Juro até , linda *Fatima* ,  
Que teu escravo serei ,  
S'esquecer tu me promettes  
De Mafoma a torpe lei . »

IV.

Ai ! quanto não és formosa ,  
Sanctarem , como és gentil  
Com teus bosques d'esmeralda ,  
Teus feitiços mais de mil !

Junto de ti , caudaloso  
Corre o Tejo a murmurar —  
Tu miras n'elle , soberba  
Tua belleza sem par !

Miras n'elle , os altos muros ,  
A mesquita , a barbacã . . .  
Encantos , que tinhas , moira ,  
Inda os tens , sendo christã .

Debalde quizerão moiros  
Conservar-te em seu poder ;  
Foi debalde : — contra *Affonso*  
Quem se póde defender ?

Perderão-te. . . . onde tremia  
No adarve o maureo pendão ,  
Tremula , espectro de morte ,  
A bandeira do Christão.

*A' lerta!* jámais o esculca  
Nos teus muros bradará ;  
Nem os eebos das montanhas  
Dirão o nome d' *Allah* !

Nunca mais , que nos teus muros  
Folga o guerreiro da Cruz ;  
E do Christão a armadura  
Mal alvorece , reluz !

Ai ! Sanctarem , como és bella ,  
Quem assim te infeitiçou ,  
Que Dom Affonso o *Mondego* ,  
Para te ver , despresou !

Ao longo das tuas praias  
Olha.. lá vae a folgar. . . .  
Cerca-o luzido cortejo  
De gentileza sem-par !

Tão cedo ! . . . mal no horizonte  
Começa o dia a romper !  
Por tão alta madrugada  
Que irá elle alli fazer ?

Que irá fazer?... Olha, ao longe  
Negrejaõ negros bateis;  
Bôa presa são por certo,  
Que são barcos d'infeis.

El-rei parou: a celeuma  
Já fêre os echos d'além:  
— "*Terra! terra! — Entre a verdura*  
*Lá campêa Sanctarem!*"

— "*Terra! terra!*" — Emtorno aos barcos  
Vê-se a escuma espadanar;  
Parece longo sudario  
Nas trevas a branquejar:

Ei-los em terra: — soberbo  
Marcha affoito o vencedor;  
Rica présa, e mil captivos  
Traz a seu rei e senhor.

— « Dom Affonso, Dom Affonso,  
Verdes loiros te ceifei;  
Porém, d'entre escravas tantas,  
Uma só te não darci.

Ei-la aqui: já me pertence,  
Já lhe dei meu coração,  
Que não tarda, que renegue  
Das falsas leis do Coraõ:



Senhor rei Affonso Henriques,  
Premio foi do vencedor :  
Venci-a — foi minha c'roa  
D' *Almada* a mais linda flôr.

E a moira toucou-se alegre  
D'alvos *lyrios* baptismaes ;  
Fez-se christão : 'quem despres  
Do trovador ternos ais ?

D' *Oriana* o meigo nome  
Deo formoso archanjo ao céu ;  
E d' *Almada* a flôr mais linda  
Ao bardo, o sancto hymineu.

## VINGANÇA D'UM ARAAB.



sol arde nos céus — uma só nuvem  
Não lh'empana o fulgôr; ardentes raios  
Chovem, cahem do ar, abrasaõ tudo  
Pela vasta extensaõ do longo oceano,  
Deserto immenso d'areaes inhóspitos  
Do mui famoso *Beda*. Ardem, refervem  
As arêas, e as róchas: não se avista  
Doce abrigo de paz, ameno oásis  
Na fresquidaõ de concavo arvorêdo,  
Ou d'agreste caverna: — e só, bem longe,  
Linda moça caminha, contra o peito  
Estreitando o filhinho: meigo o aspecto  
D'anjo formôso tem; mas no semblante  
Empastado de sangue não fulgura

Dos lindos olhos o fulgôr celeste, . . .  
Cega e tão joven, sem arrimo, oh bella,  
Ai! onde vaes assim? Onde caminhas  
Pela vasta extensão d'immensa arêa?

Oh! não prosigas, não: — nenhuma esp'rança  
Póde vir affagar-te da existencia  
Doirados sônhos, arrancar-te á morte;  
Foge, fuge d'aqui — bem largo o mundo  
Mil asylos de paz ha-de off'recer-te  
D'alegria e bonança. O teu filhinho  
Naõ mates ao nascer; deixa que um dia,  
Sobre a loisa da mãe, vá solitario  
Dos cyprestes á sombra reclinar-se,  
E banhar com seu pranto as roixas flôres,  
Os goivos do sepulchro!

Pára, detem-te, oh bella! Mas. . . , escuta. . . .]  
Não ouves? Largo — ao largo — lá resôa  
Tinir confuso d'armas, e monótono  
Arruido de passos, semelhante  
Ao rebramar do indómito oceano  
No seu jazigo eterno. Opaca nuvem  
D'arêas, que rubís no céu parecem  
Ao resplendôr do sol, esvoaça ao longe,  
E, como raios, scintillantes brilhão  
Luzidias espadas. — Uma esp'rança,  
Uma esp'rança inda tens; caminha avante;  
Sorri, sorri d'alegre — mais humanos

Que os teus irmãos d' *Arabia*, oh! são por certo  
Os valentes do Sena. Eia! caminha. . . .  
Não temas, não: do *Egypto* os inimigos  
Com sangue d'innocentes não maculão  
Os loiros da victoria.

E a triste caminha com passo incerto  
Ao longo do areal; — e o tenro filho  
Ora lhe beija o rosto, ora travêso  
Brinca co'as longas, trémulas madeixas  
Da malfadada mãe, e os olhos cobre  
Co' as mãosinhas sangrentas.

Salve, dia de paz, e de resgate  
Aurora bonançosa! — Ah! por mais tempo  
Tu não has-de soffrer a horrivel sorte  
Do barbaro destino. Anjo perdido,  
Entre os vaivens do mundo, em mar d'enganos,  
Pérola, que esvoaças sem destino  
Por esse abysmo infindo, ah! folga alegre,  
Sorri, que o anjo, da innocencia amparo,  
Co' as longas azas vem cubrir-te a fronte,  
E, nas chagas do peito, e nas profundas  
Ulceras d'alma, derramar-te amigo  
Da compaixão o balsamo suave,  
Diadêma do infortunio.

— «Donde vens, innocente? Que destino  
Por estes sêrros t'encaminha os passos?

Foge, salva-te, oh filha do deserto :  
Busca outro rumo, mais amenos sitios. . . .  
Aqui. . . além. . . mais longe, sempre a morte  
Traçoeira sorri! — Céga e sósinha  
O sol nem vês, e lá no ardôr da sésta  
Ha-de, n'um mar de fôgo, o sol matar-te! —

Era a voz d'um soldado : as longas barbas  
Pranto de compaixão lh'as banha agóra,  
E nas batalhas, ao tinir dos ferros,  
Ao troar do canhaõ, aos ais sentidos  
Do companheiro exangue, nunca, nunca  
De cobarde chorou!

— « Horrível sorte

Me atormenta : . . . ai, se acaso sois piedoso  
Se o meu delicto compaixão meréce,  
Matae-me sim, mas não mancheis a dextra  
No sangue d'elle. . . oh não; meu triste filho  
Innocentinho está. . . . jurae salvar-m'o. . . .  
Que m'o não mate o barbaro! Mas antes  
Deixae qu'inda uma vez o aperte ao seio,  
Ao seio maternal. — Filho, meu filho,  
Luz de meus olhos, crença de minh'alma,  
Adeus! é força, é força abandonar-te. . . .  
Nada te posso dar, oh! nem meu pranto,  
Nem meu pranto, ai de mim! —

E a malfadada

Nos braços apertava o innocentinho  
Com excessivo amor, materno affago:

Em vez de pranto, lagrimas de sangue  
Lh' escaldavão as faces, e a mesquinha  
Em tristes orações, aos céus rogava  
Melhor ventura, e sobre o lindo infante  
Beijos e beijos cumulava doida!  
Depois — arranco d'alma, extrêma angustia  
Do peito d'homem, retalhar cruento  
De vida e coração — alonga os braços  
Ao protector, mas logo horrorisada  
O filho esconde e foge....

— « Ah! não, não posso.... »

Filho, meu filho não te deixo... ah! nunca!....  
Se m'o quereis roubar, tirae-me a vida.» —

— « Morre, sim, morre, venenosa serpe,  
Mulher infame, que do opprobrio o fructo  
Nos braços inda apertas; — morre, e espia  
C'o torpe sangue o crime inda mais torpe. »

Ella tremeo: — estatua d'um demonio  
Braços cruzados, e c'o ferro em punho  
Rapido, d'entre as duras penedias,  
Um mancebo surgio. D'*Arabia* o clima,  
Inda ao nascer, no berçó da innocência,  
De bronzea côr tingio-lhe o lindo rosto.  
Formoso aspecto tem; mas no semblante,  
A' flôr dos olhos, lá dos seios d'alma  
Selvatica alegria transparece,

Como perfume de flôrinha occulta,  
Como o brilho do sol, quando a tormenta  
D'espessas sombras lh'acoberta a face!

— « Trême, trême, perjura! O teu delicto  
Não merece perdaõ!.. ah! não: teu filho  
Filho do crime foi. — Mórta, não fique  
Sobre a terra, aqui mesmo no deserto,  
Onde a vida é d'angustias um martyrio,  
Onde o céu, onde o chaõ vomitaõ fôgo,  
Um só ente que possa recordar-me  
Minha vergonha, meu cruel ciúme! » —  
Disse — e dos braços da infeliz arranca  
O filhinho innocente; e, furibundo,  
Chammas nos olhos, o semblante em fôgo,  
Sorrir do inferno nos tostados labios,  
Nas crêspas róchas lh'espedaça o craneo,  
E lh'o calca sorrindo!.. »

— « Ah! desgraçado

Que os olhos te arranquei, doloso monstro!  
Oh! quem déra que o visses, quem podesse  
Mostrar-te o filho agora, e ver-te, alegre,  
Junto dos restos seus morrer de mágoa! » —

Brande irado o punhal, e, mais ligeiro,  
Que o raio d'atra nuvem despedido,  
No peito da infeliz o ferro embebe....

Ella cahe. . . e, no extremo arfar do seio,  
*Filho! meu filho!* exclama.

Elle soberbo,  
Exultando no crime, os olhos fita  
No espectaculo atroz. . . Sorri-se altivo,  
Sorri com rir medonho, e o ferro crava  
No proprio seio e cahe. . . raivoso expira!





## **SALUQUIA.**

**I,**

**Q**UAE alta a noite: — a lua magestosa  
Entre milhões d'estrellas scintillando,  
Como o lirio entre as rosas da campina,  
Joia da criação, reflecte ao longe  
O seu brilhar de seculos. — Soberbo  
Lá campea, nos serros das montanhas,  
Denegrido castello, qual s'eleva,  
Em ermo cemiterio, d'entre as campas,  
O filho do sepulchro, altivo cédro!

Salve, castello annoso! — Os teus mysterios  
Cobre-os o véu da noite: ninguem sabe

Que folganças lá vão ! Tu , solitario  
Gigante das montanhas , apresentas  
Ao pobre viandante as altas torres ,  
As cortadas ameias , similhando  
Fileira immovel d'horridos phantasmas !  
Em torno a ti , das serras o silencio ,  
Monarcha do deserto , empunha o sceptro ;  
E só — d'espaco a espaco — a voz do esculca .  
Vae acordar os solitarios echos  
Das montanhas d'além , e o vento agreste  
Zumbindo nas ameias , pelo adarve ,  
Pelas fiskas das rochas , traz á idéa  
Do moribundo os lugubres gemidos . . .  
Salve , gigante enorme , altivo espectro ,  
Guarda da solidão , eu te saúdo !

Oh ! quantas , quantas guerras d'exterminio  
Tu não viste d'aqui , rei das montanhas ,  
Soberbo monumento d'outras eras !  
Lanças e adagas , cotas e turbantes  
Alastrarão o chão , e o turbo *Ardilla*  
C'o *Brenhas* confundido , em rubras ondas ,  
Foi de sangue banhar teus altos muros !  
Tu zombaste do tempo : escarneceste  
Do esforço d'homens . . . Viste , sempre immovel  
Em teu erguido throno , aproximarem-se  
Catapultas , balistas , que não temem  
Os cédros do deserto a tempestade !  
Hoje . . . dormes em paz , deitado á sombra

Da bandeira do Islam, no antigo leito  
Onde outr'ora dormio *Auraciluna*.  
Salve, gigante enorme, altivo espectro,  
Guarda da solidão, eu te saúdo!

Nos doirados salões do nobre alcáçar,  
Quando a estrella do Islam jámais temera  
A bandeira da Cruz — dos teus alcaides  
Em pomposos sarâus, e alegres festas,  
D'aérea dança nas aéreas voltas,  
Viste de *Moirá* as mais formosas fadas,  
Perdidas, engolphadas docemente  
Em deleitosa nuvem de perfumes,  
C'os mais valentes, mais gentís mancebos  
Da seita do Islamismo. — Os teus alcaides  
Nunca jámais tremerão; mas a morte  
Veio ceifar seus loiros, e os destinos  
Te derão, como herança, á destemida  
Filha de *Buagon* — valente moiro,  
Senhor de longas terras, cuja lança  
No Alem-Tejo guardava, em dez castellos,  
Das meias luas o pendão soberbo!

Briosa e denodada a linda virgem  
Era a joia do Islam: — pura, innocente  
Quaes celestes *houris*; mais pudibunda  
Que a pudibunda, nacarada rósa;  
Do niveo rôsto o jaspe era mais neve  
Que a linda, a branca flôr da laranjeira;

✱

Tinha os labios gentís, languidos olhos,  
Pallida a face, como antiga estatua  
Que o tempo descórou co'as negras azas.  
Era linda, era fada, archanjo, engano,  
Illusão d'alma, e d'olhos: entre os crentes  
Não ha mancebo algum, a quem não venção  
Os feiticeiros olhos de *Saluquia*!  
Ve-la nas aureas salas, doidejando, !  
Entre as virgens d'Allah, em doces brincos,  
Era a lua no céu brilhando altiva  
Entre milhões d'estrellas! Mil guerreiros  
Co'a dextra a nobre adaga lh'offerarão,  
E os sanguinosos loiros da victoria.  
Ella porém, nos braços da innocencia,  
Sorria desdenhosa — e *livre* ainda  
Na doce primavera de seus annos  
Das illusões no céu vivia alegre.

Vivia. . . mas enfim (funesta aurora  
De tão infausto amôr, tão mal logrado!)  
Um dia, quando o sol doirava a custo  
Os altos muros do elevado alcaçar,  
Ella — como se o fado a constrangesse,  
Como se voz occulta lá dos seios,  
Do imo do coração, lh'entrasse n'alma,  
A perdê-la, a arrasta-la, foi sósinha  
Divagar pelo adarve. — O sol nascia. . . .  
Fagueira a viração da madrugada  
Murmurava tão doce! . . . mil florinhas

Adejvão no ar , e solitaria  
Gemia , em viuvez , saudosa rôla !  
— Oh ! quem já teve amôr , quem não ignora  
Do nascer da manhã o mago encanto ,  
Os mysterios d'ess'hora de saudade ,  
E de paz e triste a , ai ! bem conhece  
Que desejos d'amor desperta n'ahna !

Mas ella , a nobre moira , não sabia  
Esse archano d'amor ; — não sabem anjos  
De bondade , e de paz , temer na terra  
Negro fadario , desastrosa sina !  
Qual á flamma da morte corre doida  
Formosa borboleta , a innocentinha  
Correo á perdição ! Espraia os olhos ,  
Ao longe , pelas orlas do horisonte  
D'aureas , purpureas nuvens adornado ,  
E ~~sem~~ querendo , a furto , e quasi a medo  
Dos labios lh' escapou meigo suspiro ,  
— Primeiro som d'amor ; dentro nas veias ,  
No seio lhe referve ardente sangue ,  
Pulsa-lhe o coração mais apressado ,  
E nasce-lhe *um desejo* ignoto , immenso  
Como da juventude o immenso fôgo ,  
Infinda *sêde* de prazer , e amôres ! . . .

E depois , quando á noite , solitaria  
Flla via nos céus milhões d'estrellas ,  
Mundos , e mundos a rolar no espaço —

E, por medonhas sombras rodeadas,  
Via as serras d'além — sentia n'alma,  
Ignota voz, ignotos sentimentos,  
Vendo, á luz do luar, tremer no rio  
Diamantes aos mil — ouvindo ao longe  
Do rouxinol nocturno os doces cantos,  
— Froixa toada d'harmonia d'anjos  
Trazida á terra por amèna brisa —  
A si mesma tristonha perguntava:  
— “ *E' isto amor? Este desejo incerto  
E' desejo d'amar?* ” — sentio bem perto  
Rumor de passos. . . . vacillou, confusa  
Olhou em torno a si, e vio prostrado  
Junto a seus pés, no chaõ qu'ella tri hava,  
Gentil guerreiro, denodado joven,  
Que em extasis d'amor, doído por ella,  
Lhe veio alli dizer:

— « Formosa virgem,  
Astro dos sonhos meus, fagueira esp'rança  
Que me affagas a vida, ah! tem piedade. . . .  
Cordôa-te este amor tão malfadado  
Que tão funda raiz me lançou n'alma!  
Vi-te e logo senti nascer-me ardente,  
Puro desejo da paixão mais grata  
Que fruir nos é dado! — Longo tempo  
Embalde, lá d'*Aróche* nas montanhas,  
Longe e bem longe divaguei sósinho,  
Ensinando teu nome ás altas serras,

As crespas, elevadas penedias :  
Emvão quiz esquecer a tua imagem  
Que me seguia sempre, em toda parte !  
Não pude. . . . Eras a virgem qu' eu sonhara  
Da vida no verdôr ; eras a estrella  
Que ao longe, e ha longos annos me sorria. »

E nos olhos um raio de ventura  
Lhe luzio, entre nuvens de tristeza,  
Entre vagas de pranto : — a linda moira  
Estremeceo, córou. . . á voz do pejo  
Baixou a custo os olhos, e calada  
Por largo tempo esteve, até que aos labios  
Do coração as vozes lhe vierão,  
Em delirio d'amor :

— « Ai ! já não posso  
Por mais tempo occultar meus sentimentos,  
Este amor. . . se d'amor são meus receios,  
Este fogo que sinto ; — se da vida  
O mais doce sentir, o bem mais doce  
Tem o nome d'amor, eu te idolatro. . . »

Mais queria dizer : porém nos labios  
Morrem-lhe as expressões, e o terno amante,  
Louco de gôso, extasiado, a custo  
Apenas crendo tão fagueira sina,  
Ergue-se arrebatado, e da ventura  
No cúmulo, n'um mar todo prazeres,  
Alegre lhe tornou :

— «Celeste archanjo,

Virgem do meu sonhar, mais engraçada  
Que as *houris* do Propheta, oh! quanto é grato  
Ouvir dos lábios teus tão meigas vozes!  
Ver-te córar d'amor, ouvir teu seio  
Sobre o meu coração pulsar d'alegre!  
Ah! falla-me outra vez, formosa dama,  
Lindo aljofar do Islam, ah! falla, dize,  
Dize-me sim, que o teu amôr, teus mimos  
São meus — só meus — que os olhos de Saluquia  
Só de mim hão-de ser; que os teus encantos,  
Que a vida e coração me dás co'a dextra. »

Ella sorrio — depois, curvando a fronte,  
Como a rósa ao murchar, córou de pejo  
E d'enleio e d'amor. — Venceste, ó moiro,  
Folga soberbo! Da innocencia o guarda  
Ei-lo adejou ao céu: co'as brancas plumas  
Já lhe não cobre o peito! A linda virgem  
E' tua, sim: da guerra os verdes loiros  
Esmaga, esmaga aos pés, que tens por c'róa  
Os meigos braços de formoso archanjo,  
Por ferrea cota um seio d'alabastro!

Mas basta: — que m'importão teus segredos,  
Magestoso castello, aguia das serras,  
Soberbo, eterno esculca do deserto?  
Guarda-os silencioso, e impera altivo,  
Rei das montanhas, no teu solio eterno!



II.

Saudosa a lua reflectia os raios  
Pe'as altas muralhas: nas ameias,  
Mil gigantescas sombras debuxando,  
Tremia mais e mais, doirava as pedras  
Com seu froixo clarão, luz de sepulcro.  
Em redor tudo trévas: só no alcáçar  
Pallido fogo brilha, esguia fresta  
Avermelhando a espaços. — Que saudade,  
Que mysterios d'amôr tu não conheces,  
Magica luz das noites! Junto d'ella  
Formosa dama de formôso rosto,  
De lindos olhos, de nevadas faces,  
Melancholica está: moiriscas trovas  
Co' a voz d'archanjo a modular saudosa,  
Mais suave, mais grata do que a brisa  
Vibrando lá no espaço ignotos hymnos,  
Mysteriosos sons d'harpa celeste —  
E ao longe a viração, levando os carmes,  
Desperta da montanha os debeis echos.

« — Onde estás, formoso moiro,  
Vida do meu coração?  
Onde estás, que me não matas  
Minha tão negra afflicção?  
Ah! corre, valente alcaide,  
Destemido castellão!

Não vês?.. A noite vae alta;  
Vae linda a lua nos céus...  
A ventura n'este alcaçar  
Espalha os encantos seus!  
Vem, oh forte, vem, não tardes,  
Matar os desgostos meus....

Aguardão-te, n'estas festas,  
Valentes netos d'Agar:  
Lindas virgens islamitas  
De formosura sem-par;  
Ah! corre, valente moiro,  
Entre folias folgar!

Quero alegre, nos meus braços,  
Apertar-te ao coração,  
Lêr *amor* n'esses teus olhos,  
Matar tão negra afflicção....  
Não tardes, valente alcaide,  
Destemido castellão! — »

Mas *Bráfama* não vem: embalde o chama  
A linda virgem, nas saudosas tróvas,  
Nos seus cantos d'amôr, d'esp'rança e gôso!  
E a lua vae descendo, e a argentea face,  
Como broquel de fogo, ao longe, a some  
Nas montanhas d'além! — Moiro, não trêmas;  
Eia! espera-te o amor, embalde o espaço  
D'amantes braços separar-te busca!

Esporèa , esporèa o teu ginete. . . .  
Vem cumular teus gòsos , vem , não tardes ,  
Não fujas do hymineu aos doces laços —  
Vêrdadeira ventura , unico affago  
Desta existencia , pélago d'angustias ,  
Deserto de martyrios , longo abysmo  
De negros crimes , d'illusões mentidas !

Mas o moiro não vem ! — Sombra d'archanjo ,  
Junto da esguia fresta , permanece  
Centil a castellì : e as festas correm  
Nos doirados salões , entre as columnas  
D'alabastro , e marfim : prazer , delicias ,  
Reverbero do céu , froixo reflexo  
Das venturas d'um eden , se confundem  
N'um céu d'amor , n'um mundo d'alegria.  
— E tu deixas assim correr as festas ,  
Passar as breves horas , que a ventura  
Co' véu das illusões tornou mais breves ?  
Vae , oh virgem , brilhar entre as mais damas ,  
Avivar as folias , vae dar alma  
A tantos , tão briosos cavalleiros  
Que a perderão ao ver-te , que o ciume  
Rala e consome , que , entre mil delicias ,  
Provão do inferno horrisonos tormentos.

Mas ella sempre immovel , arquejando  
Os olhos crava , ao longe , lá nas serras ,  
Nas altas serras , onde vio sumir-se

Despar'cer, como sonho de mancebo,  
Qual fagueira visaõ da madrugada,  
Pela ultima vez seu terno amante.

Oh ! quem n'a visse então, quem não soubesse  
As torturas do amôr, o negro encanto  
Da saudade cruel — quem nunca, nunca  
Da existencia n'auróra, a vez primeira,  
Furtivo pranto de saudosas magoas  
D'alma houvesse arrancado, escarnecera  
Daquella dôr immensa. . . . angustia eterna  
Como o somno da morte, a paz da campa. . .

Adormeceo emfim: o somno ás vezes  
Vem dar alivio ás magoas do infortunio,  
Consolar o infeliz, doirar-lhe os sonhos,  
Celestes sonhos da existencia enlêvo!  
Mas ás vezes tambem lhe traz â idéa  
Tormentos esquecidos: vem pintar-lhe  
Phantasticas visões, medonhas scenas  
De vingança, e d'horror; quebrar-lhe o somno,  
Dobrar-lhe do destino a horrivel sanha.

E ella dormia em paz: sereno o rosto  
Da innocencia o pudôr aformosea. . . .  
Ao vê-la assim tão linda adormeçada  
Como estatua de gelo — não dirieis  
Os martyrios que tem lá dentro n'alma!

Horrorosa chymera, horrivel sônhô  
Veio amargar-lhe um sôpro de ventura  
Que nos braços do somno a besejara,  
Como a brisa da noite á flôr do prado.  
Longe — bem longe — vê medonhas selvas,  
Ermo deserto, verde-escuras rochas,  
Em densas, negras sombras envolvidas. . . .  
Em torno d'ellas serpenteando correm  
Mil ribeiros de sangue, e o raio accende  
Os céus, a terra, as selvas, os penhascos.  
Sente o trotar de fervido ginete,  
E vê luzir adagas; ouve em torno  
Gritos de morte e horror. . . e escuta ao longe  
Do amante a doce voz:

— « Vamos! avante,  
Meu feroso alasaõ: — corre. . . não temas. . . .  
Montes e abysmos galgarás ligeiro,  
Oh! filho das batalhas. . . eia! corre  
Que longe — muito longe — deixei presos  
Minh'alma, e coração e vida e tudo. » —

E o ginete voava, envolto em sangue,  
Serras e abysmos despresando altivo;  
Não corre tanto o raio, excede a nuvem  
Levada do tufaõ ao brado horrendo:  
Lá do seio da terra, surgem rapidas  
Mil gigantescas sombras: não se escuta

Mais que o tinir do ferro contra o ferro :  
Depois . . . silencio e paz. Da lua o brilho  
Vem da tormenta dissipar as trevas . . .  
E mostra . . . (horrivel vista !) ensanguentado ,  
Entre os trances da dôr , na extrema angustia ,  
O guerreiro do Islam . . .

Ella estremece . . .

Acorda horrorisada : — e corre , e voa  
Sem destino , e sósinha : as vestes rasga  
As faces fere , e despedaça as tranças ,  
Chama por elle em vaô . . . grita , e só longe  
Ouve os echos da serra , similhando  
Do moribundo os languidos gemidos :  
E mais perto o trotar de cem cavallos ,  
Confusa vozeria de mil vozes  
Vem quebrar o silencio : — « A'lerta ! o esculca  
Destemido bradou — e já rangerão  
Da ponte levadiça os ferreos gonzos.

### III.

Vae a festa a findar : e a linda noiva ,  
A pérola do Islam , a mais formosa  
D'entre as filhas d'Agar , bella e contente  
Não vem folgar alegre , como out'rôra  
Folgou contente , na isempção d'amores.  
Cavalleiros e damas já não fallão  
D'amorosos mysterios , verdes loiros

Ceifados nas batalhas. . . . Quasi extinctas  
Bruxuleando as lampadas crepitão  
Como luz de finados! . . .

Mas agora

Ao romper da manhã, á luz confusa  
Do saudoso, tristissimo crepusculo,  
Lindos mancebos, engraçadas moiras  
Chegão de longes terras, festejando  
Da castellã as desejadas nupcias. . . .  
Oh! entre elles. . . quem sabe? talvez venha  
O denodado alcaide: sempre a mente  
D'esperançosos sonhos nos reveste  
O facho da illusão! — Triste e sombria  
A meiga noiva, já viuva agora,  
Como a saudosa, timida rolinha,  
Caminhasolitaria, e quasi a furto,  
Junto da barbacã, bem rente ao muro,  
Ao abrigo das sombras aguarda-lo!  
Ei-los passam callados, como espectros  
Escapados á morte: mas entre elles  
Embalde o buscas, misera donzella. . . .  
Quem uma vez dormio sob o sepulchro,  
Não acorda jámais do somno eterno.

Flla immovel ficou: horrivel susto  
Lhe vem nas veias congelar o sangue,  
Gelar-lhe o coração, gelar-lhe a vida,  
Rasgar-lhe mais e mais os seios d'alma!  
Ai! misera infeliz que infausta sorte

Te guardava o destino ! Anjo formoso ,  
Alarga , alarga ao longe pelos bosques ,  
Pelas serras da patria , o pensamento . . .  
Ah ! vê , n'um céu d'azul , milhões d'estrellas  
Com seu froixo claraõ doirando as trévas . . .  
— Olha . . . Por toda a parte , dentro n'alma  
Doces recordações desperta a patria . . .  
E a patria dentro em breve h'io-de roubar-t'a ;  
Has-de vêr baquear aos pés do extranho  
O estandarte do Islam : verás de Christo  
Nas ameias tremer , feral cypreste ,  
Arvorado o pendão , e escrava d'elles . . .  
Escrava . . . ah ! nunca , que no seio impresso  
Bem fundo tens o amor da *liberdade* !

Mas . . . não ouves ? . . . Ah ! fuge . . . lá resoão  
Os brados da victoria : *« á lerta ! á guerra !*  
*Reine Affonso na terra ; escravos d'elle*  
*Sejão do Islam os tumidos guerreiros ! »* —

Infeliz , ai de ti ! mal conhecias  
Que entre nevados lirios dorme occulta  
Venenosa serpente : — sempre alegre  
Tu dormias em paz , deitada à sombra  
Da bandeira do Islam , nunca temendo  
Traidoras artes de sangrenta guerra !  
Fuge . . . salva-te . . . Escuta : horrivel grita  
Lá sòa nos salões , onde reinavaõ  
Doce ventura , feryidos prazeres !



Hermes, desnudados, não resistem  
Os fortes d'Ismael... nem custão sangue  
Ao vencedor os loiros do triumpho...  
Dom *Alvaro* venceo: deo-lhe a victoria  
De perfida traição sagaz astucia...  
Oh! maldito o laurel, maldita a c'roa  
Que o guerreiro ceifou por vil perfidia!  
Recaia-lhe na frente, ardendo em brasa,  
Das victimas o sangue eternamente.

Eis tudo jaz captivo: triumphante  
Exulta o vencedor, lançando os ferros  
Aos roixos pulsos do infeliz vencido...

Mas *Saluquia*... essa não, que se não curva  
A's plantas d'um senhor, que antes prefere  
A morte á escravidão, e o sangue á vilta!  
Essa... não. Ei-la corre destemida  
Aos altos muros de sombria torre...  
Mede, sem medo, o abysmo... ultimas vozes  
Lhe vem do coração soar nos labios:  
— « *Elle libre morreo, e eu morro libre!* »  
Disse: e, — cruel vingança, extrema affronta  
Ao vencedor soberbo — como o raio  
Se arroja á terra, e cahe de rocha em rocha...  
Despedaçados os sangrentos membros  
Nos altos muros do elevado alcáçar  
Pendientes ficão, gotejando sangue!

Morreste, ó moira ! Mas roubaste os loiros  
Do vencedor a herbo á nobre fronte. . . .  
Que t'importa morrer ! A liberdade,  
A patria não morreu também contigo ?



## **O CANTO DO MARUJO.**



INDA barca aventureira  
Vae arfando ao som do mar :  
Barqueiro , que vae aos remos ,  
Não se cança de cantar ;  
— São canções de seus amores  
Que ás agoas vae a narrar.

---

Ondas do mar , socegae-vos ,  
Da noite se estenda o véu ,  
Que é grato ao pobre marujo  
Ver as estrellas do céu !

Astros do céu, reflecti-vos  
Sobre estas agoas do mar,  
Que é lindo vêr, sobre as ondas,  
Luzir a luz do luar!

Luz do luar, cóbre as rochas  
Com teu pallido claraõ,  
Que vem contigo a saudade  
Cubrir o meu coraçãõ:

Coraçãõ, dentro no peito,  
Bate contente d'amor,  
Que a scismar n'*ella* é mais leve  
O remar do remadôr:

Remador, corta ligeiro  
As verdes ondas do mar,  
Naõ tardes que, bem depressa,  
Virá o sul a bramár:

Virá bramar, que nas praias  
Já canta o triste alcyon,  
E, batendo contra as rochas,  
Ergue o mar medonho som:

Som do mar, naõ sões. . . . cala  
Teu monótono bramir,  
Que se brames, entre sombras,  
Verei os astros fugir!


Foge , com elles , a lua ,  
Foge , com ella , o luar ,  
Morre o amôr , morre a saudade ,  
Morre ao marujo o cantar.

---

Mas o mar , mais irritado ,  
Ergue horrísono clamôr ;  
A barquinha voga errante  
Do mar entregue ao furor :  
— Cala o canto , e solitario  
Rêma , rêma o remador.

---

## PORTUGAL,

 ou portuguez : — não despreso  
A minha terra natal ;  
Se agora jaz indefeso  
Já foi livre Portugal.  
Já foi o terror da terra ,  
Nas letras , na paz , na guerra ,  
Oh ! nunca teve rival !

Oh ! que não : mas negro fado  
Em ferros o faz gemer !  
Qu' importa ? — O leão cansado  
E' vergonha adormecer ?  
Póde dormir : mas se acorda ,  
Se dos brios se recorda ,  
Não lhe fugir é morrer !

E tenho crença, nest'alma,  
Que ha de acordar o leão;  
Que ha de colher nova palma  
Na lucta da redempção:  
Sou luso — não me retracto....  
Sou neto de Viriato,  
D' Apimano, e Cesarão!

Sou portuguez — quanta gloria  
Este nome não contem!  
Diga-o d'Ourique a victoria,  
De Cerneja e Sanctarem:  
Hoje é servo o rei d'outr'ora!  
Mas qu' importa? Vencedora  
Já não foi Jerusalem?

Sou portuguez — não desprezo  
As glorias do meu paiz,  
Que essas sombras inda preso  
D'um Affonso, e d'um Diniz:  
Não me acurvo aos pés do forte,  
Antes mil vezes a mor'e  
Do que vergar-lhe a cerviz.

Sou portuguez: d'este nome  
Tenho o brio, a intrepidez,  
Pois tenho fé qu'inda assome  
Nossa gloria um'outra vez:  
Miro-me n'antiga fama  
D'um Albuquerque, d'um Gama....  
Como elles sou portuguez!

Zombem todos, muito embora,  
Da minha terra natal,  
Que as glórias que teve outr'ora,  
Nunca tiverão rival:  
Zombem, que eu, no captivoiro,  
Préso mais que o mundo inteiro  
Um só nome — PORTUGAL!

5





## VINGAR-ME-HEI.



E terno amor casta esp'rança  
Esmagou-m'a vil traição —  
Mas em troca, da vingança  
Nasce a voz no coração;  
Nasce e diz-me: — « Por que temes?  
Cobarde! porque assim gemes?  
Que t'importa o teu rival?  
Que t'importa, s'iracundo  
Tens, contra injurias do mundo,  
O ferro do teu punhal?.... »

E oh ! que tenho , pois de cégo  
Meu punhal jámais perdi ,  
Nem quando , em louco socego ,  
Junto d'*ella* adormeci ;  
Nem então , que os meus amores ,  
Meus ciumes , minhas dôres ,  
Tudo , tudo lhe contei :  
Elle vio . . . porém , segredo !  
Se as *juras* quebrou tão cedo ,  
Minhas juras cumprirei .

Foi-me falsa . . . Em vão ! que importa  
D'um *demonio* infando amor ?  
Se a vida jaz *quasi* morta ,  
Que importa mais uma dôr ?  
Que importa , se da vingança  
Nasceo fagueira esperança  
Bem funda , no coração ?  
Que importa arquejar exangue ,  
Vingando o sangue com sangue ,  
Uma traição com traição ?

E hei-de vingar-me . . . D'um côrte  
Meus tormentos acabar :  
Hei-de , entre os braços da morte ,  
A meus pés vê-lo expirar —  
E bradar-lhe : « Vil falsario ,  
Dorme , sem cruz nem sudario ,  
Insepulto , á luz dos céus . . . »

Dorme , dorme um somno eterno ,  
Que a alma lá tens no inferno ,  
S'alma tens. . . . s'existe Deus ! »

E sorrindo-me arrogante ,  
Hei-de calca-lo a meus pés ;  
Arrastrá-lo , palpitante ,  
Junto d'*ella* inda uma vez :  
E dizer-lhe — « Com teus braços ,  
Vae dar-lhe meigos abraços ,  
Vae junto d'elle dormir ! . . .  
Vae , mulher , cinge-o contigo ,  
Te' que do final jazigo  
Fria terra o vá cubrir ! »

Dir-lh'o hei. . . Embora um dia  
Brilhe o cutêlo do algoz ,  
E , nas horas d'agonia ,  
Do remorso escute a voz !  
Que m'importa ? Quem se humilha ,  
No *cadafalso* , se brilha  
Inda , a seus pés , um punhal ?  
Se o *lemma* do condemnado  
Foi , sobre a campa , traçado  
C'o sangue do seu rival ?

Porto 29 de Dezembro de 1848.

## O TEU NOME,

**S**OBRE as praias do mar, na lisa areia,  
Em extasis d'amor, gravei teu nome:  
Bem fundas letras fiz... porém bramando  
Uma onda lá vem, outra e mais outra....  
Teu nome desaparece!

Gravei-o n'um cypreste, junto ás campas,  
Lá, no adro d'aldêa: o sul rebrame  
Pela encosta das serras, e derruba,  
Em feros turbilhões, o tronco annoso,  
O gigante da morte!


Em duras penhas fui grava-lo um dia ,  
Fundo , bem fundo , atravessando as rochas. . . .  
Porém toldão-se os céus , fulgura o raio ,  
Estende-se o trovão , e , n'um momento ,  
E' seixos o penhasco !

Insensato o gravei , no sacro templo ,  
Nos lavrados do altar : — julguei que sempre  
Alli ficára intacto. . . da impiedade  
A mão cruenta , derrubando as naves ,  
Sumio-m'o nas ruinas.

Gravei-o então , na dôr , no desespero ,  
Dentro no coração , nos seios d'alma ,  
Fundo , bem fundo , a traspasar-m'os todos. . . .  
Alli ficará sempre — alli teu nome  
Terá a eternidade.



## LEMBRANÇAS.

 Já' amei — já dentro n'alma  
Senti as chammas do amor;  
Senti d'amor os ciumes,  
Do ciume a negra dôr:

Já na terra, em meigo enlevo,  
Sonhos d'engano sonhei;  
Em meus sonhos, outros tempos,  
Anjo formoso encontrei....

Era estatua d'alabastro,  
Tinha os olhos d'esmeril;  
Cahião-lhe as negras tranças  
Sobre o collo tão gentil!

Tinha os labios nacarados,  
Tinha a face de setim,  
Tinha, no jaspe do rosto,  
Da rosa o vivo carmim:

E tinha, dentro no seio,  
Liso, ingenuo coração —  
De su'alma os sentimentos  
Erão dos meus o condão.

Se dôce, terno sorriso  
Agitava os labios seus,  
Meigo sorriso sereno  
Vinha adejar entre os meus:

Se um requebro de seus olhos  
Adoçava o meu pesar,  
Com dôce olhar namorado  
Lhe pagava um terno olhar:

Se via, nos olhos d'ella,  
Uma lagrima luzir,  
Da tristeza o denso manto  
Vinha meu rosto cubrir:

Se tristonha hia sósinha  
Embrenhar-se na soidão,  
Eu, a sós, lá no deserto,  
Curtia minha afflicção.

Se rainha , entre as mais damas ,  
Airosa a via folgar ,  
Na confusão , entre as danças ,  
Hia contente walsar ! . . .

Era a virgem dos meus sonhos ,  
Meu encanto , meu amor ,  
Minha crença e céus e vida ,  
Da minha vida o fulgor .

Mas deixei-a . . . e bem distante  
Do *Mondego* divaguei :  
A' luz das noites , sósinho  
Longe d'*ella* suspirei .

Suspirei , bem longos dias ,  
Lá no meu berço natal ;  
Mas seguio-me de continuo .  
Sua imagem divinal .

Vi-a nas trevas da noite ,  
Vi-a do dia ao fulgor —  
Nos meus sonhos de poeta ,  
Na idade pura do amor !

. . . . .

Oh ! quantas vezes , nas praias ,  
Dizei , estrellas , dizei ,  
Ao soidoso astro das trevas  
Minhas magoas não contei !



Dizei-o, conchas da praia,  
Dizei-o, rochas do mar,  
Quantas vezes, longe d'*ella*,  
Vós me não vistes chorar!

Quantas vezes, pensativo,  
No centro d'ermos pinhaes,  
Não fui á brisa das noites,  
Espalhar sentidos ais!


Mas de novo pelas margens  
Do *Mondego*, eu vim folgar;  
Novos sonhos, mais suaves,  
Nos braços d'*ella* sonhar!

Oh! que viver d'innocencia  
Foi então o viver meu!  
Forão meus gosos na terra  
Gosos sómente do céu. . . .

Fui ditoso. . . . agora apenas  
Sinto a lembrança do amor,  
Dessa lembrança a saudade,  
Da saudade a negra dor.

Coimbra 31 d'Outubro de 1848.

## **A TEMPESTADE.**

 E á voz das rajadas  
Rebombas, ó mar,  
Por horas caladas  
Da noite sombria,  
D'acerba agonia  
Que meigo é chorar !

A lua saudosa  
Não brilha no céu ; —  
Co'a luz duvidosa  
No cimo das vagas,  
Nas praias, nas fragas  
Não deixa aureo véu !

Oh ! quanto são gratos  
Do horror os signaes !  
— A voz dos regatos ,  
Os ramos já seccos  
Rugindo , e dos echos  
Os languidos ais !

Que gélido espanto  
Não causa á soidão ,  
Dos ventos o canto ,  
Das nuvens o abalo ,  
Dos raios o estalo ,  
Dos céus o trovão !

E eu amo a tormenta ,  
E o raio dos céus ,  
E o mar que rebenta ,  
E o vento que brama ,  
E o brado que exclama :  
— « *Salvæ nos, oh Deus!* „ —

Então mais se acalma ,  
O fogo do amor ,  
Que eu sinto n'est'alma ,  
Do seio no centro ,  
Qu' eu sinto cá dentro  
Mais *gélido* horror !

S. João da Foz 23 d'Agosto 1848.

## A DESPEDIDA.

**V**ou deixar-te; adeus!... a hora  
Da *partida*, ei-la soou!  
Ai de mim! deixar-te agora  
Quem a alma t'entregou...  
Mas é tempo, sim, e a morte  
Virá *vingar-me* da sorte  
Que os teus mimos me roubou.

Vou deixar-te, e, nos meus braços,  
Apertar-te ao coração;  
Assim... mais, qu'estes abraços  
P'ra mim os ultimos são...  
Chóros, beijos, tudo é fogo,  
Que d'alma surge!... mas logo  
Ha-de apagar-se o volcão.

Palpita , arqueja teu seio  
Mais nevado que o jasmim ;  
Ah ! . . . celeste , estranho enleio  
Parece *ligar-te* a mim !  
Mas esta hora , este dia ,  
Fste instante d'agonia ,  
Vem separar-nos alfim !

Adeus pois ! extingue , cala  
Dentro no peito esse amôr :  
Oh ! não chores , que m'estala  
O peito com tanta dôr !  
E' forçoso . . . adeus . . . esquece  
O teu bardo , qu'endoudece  
Dos eiumes c'ò amargôr :

Fomos ditosos : — a vida  
Já nos sorria tão feliz ! . . .  
Mas hoje . . . não ; desabrida ,  
Negra sorte assim o quiz :  
Vou pois deixar-te ! . . . Perdê-la  
E' força : — que mal fez *ella* ,  
Sancto Deus ! que mal te fiz ?

Mas olha , Amelia , repara ,  
Lá brilha a lua no céu . . .  
E não tarda , que d'avara


Nos occulte o brilho seu :  
Eis alli da *vida* a imagem ;  
Depois da paz , a voragem . . . .  
Foi este o *destino* meu !

Vaes ser d'outro . . . . Acerbo fado  
Me roubou teu coração . . . .  
*A grinalda da noivado*  
Ha-de pôr-t'a extranha mão.  
Porem tu , anjo d'amôres ,  
Junta uma *saudade* às flôres ,  
Uma *perpetua* . . . , mas não !

Oh ! não . . . . antes , a despeito  
De teu *sordido* senhór ,  
Ao sepulchro , ao *frio leito*  
Que me dá teu casto amôr ,  
Vae , dos salões , ó rainha ,  
Vae dizer-me alli sósiuha :  
— « *Eu te adoro, trovador !* »



## UM RETRATO.

NJO , mulher — quem podera  
Teus encantos retratar ?  
Quem legara aos séc'los todas  
Tua belleza sem-par ?

Legara-a eu , tendo as tintas  
Do *divino* Raphael —  
A dôce lyra do Tasso ,  
De Phidias mago cinzel ?

Porem nunca fui na terra  
Nem poeta , nem pintor ,  
Nem tenho o soberbo scopro  
De mui soberbo esculptor.

Mas enfim.... se tu consentes....  
Se me deixas abraçar-te ,  
Anda cá.... então prometto  
Nos *meus olhos* retratar-te.

Coimbra 1849.



## O MEU SEPULCHRO,



QUANDO o archanjo da morte  
Vier meus olhos cerrar,  
E, co'as negras, negras azas,  
Minhas faces açoitar —  
Cavae então *meu sepulchro*  
Lá n'um penhasco do mar:

Encerre um véu de mysterio  
Fssa rocha sepulchral:  
Sobre ella, não reine altivo  
Da morte nenhum signal;  
Nem alli levem os echos  
Da vida um som festival.

Sobre o penhasco , entre o musgo ,  
Não quero pobre inscrição ;  
Não quero que alli , sósinha  
Campeie a cruz do Christão :  
Nem que a lampada dos mortos  
Verta alli roixo clarão !

Oh ! que não — quero , em silencio ,  
Entre as vagas repousar . . .  
Em vez da luz do cruzeiro ,  
Quero da lua o luar —  
Em vez das rézas do mundo ,  
Das ondas o rebombar .

Quero o musgo , em vez de *lemma* ,  
Sobre o penhasco , a florir ;  
Antes o quero ; não podem ,  
Ao vê-lo , os homens sorrir :  
Antes o quero — d'escarneo  
Impios ! não lh'hão de cuspir !

Em vez d'erguido cruzeiro  
Arvorado entre escarcéus ,  
Cinjam-n'o , á voz da tormenta ,  
As nuvens , como trophéus ,  
Como eterno monumento  
Da omnipotencia de Deus :

E ás noites o meu espectro ,  
Quando em silencio vagar ,  
Quando , aos braços descarnados ,  
A caveira recostar —  
Veja impressa a *liberdade*  
Na face immensa do mar.

Coimbra 12 de Maio de 1849.



## CHRISTOVÃO COLOMBO



COLOMBO ! a tua ousadia  
Fez-te ser mais do que um Deus ;  
Foste a estrella que alumia  
Novos astros , novos céus :  
Do mar no abysmo profundo ,  
Divagando vagabundo ,  
Feste o *heróe* do Novo Mundo ,  
Foste o rei dos escarcéus.

Fra a terra asylo estreito  
A teu vasto coração ;  
Tu procuras satisfeito  
Das agoas a immensidão :  
Em furor o mar rebenta ,  
Ronca horrivel a tormenta ,  
Susta o mundo , e não sustenta  
Os teus vôos d'ambição.

Rei das agoas, destemido  
Sorriste ás fúrias do mar,  
Das tormentas'ao bramido  
Dos raios ao fuzilar:

A *maruja* vacillante  
Desanima, e tu, constante,  
Foste a palmeira gigante,  
Foste o cedro secular.

Bate o mar d'encontro ás fragoas;  
Não brilha um astro no céu!...

Na soidão das vastas agoas  
Vês immenso mausoleu!  
Cançado da longa esp'rança,  
Viste o genio da matança  
Contra ti bradar: *Vingança!*....  
Foste então julgado réu.


Mas emfim d'aurea alegria  
Surgio doirado arrebol;  
Novo sol de novo dia,  
Nova luz de novo sol:  
Colombo! a luz, que crepita,  
Que ardentes chammas vomita  
Na cerração infinita,  
D'um novo mundo é pharol!

Venceste ! . . . Heroe do passado ,  
Tu foste mais do que um Deus ,  
Que nos deste , denodado ,  
Novos astros , novos céus —  
Que , gigante vagabundo ,  
Tu domaste o mar profundo ,  
Arrancando o *Novo Mundo*  
Do seio dos escarceus.

Coimbra — 1849.

## O TRIUMPHO.

### I.

— «  AVALLEIRO, corre à lide,  
Vae na liça combater;  
Ha quem desprese *seus olhos*,  
Quem deteste o seu poder. . . .  
Cavalleiro, quem tal pensa  
Oh! que não deve viver!

— « Oh! maldito o que se atreve  
A desprezar seu valor;  
Vou punir-lhe o sacrilegio  
Como dextro lidador;  
Chama-me o rancor da affronta,  
Chama-me o fogo do amor.

— « Cavalleiro, vae na arena,  
Vae *por ella* batalhar :  
Que é dever de cavalleiro  
Por sua dama lidar ;  
Seus olhos, — os olhos *d'ella* —  
Na lide t'hão-de ajudar.

— « Dae-me as grévas, dae-me o escudo ,  
Dae-me o ferreo morrião :  
Com a cota d'aço fino  
Estreitae-me o coração ;  
Dae-me a lança , dae-me a espada ,  
Preparae meu alazão !

— « Cavalleiro, corre á lide ,  
Vae na liça combater ;  
Ha quem desprese *seus olhos*  
Quem deteste o seu poder. . . .  
Cavalleiro , quem tal pensa  
Oh ! que não deve viver !

## II.

Meu ginete das batalhas ,  
Corre , corre sem parar ;  
Erriça as crinas ao vento  
Vem comigo a batalhar :  
Corre , vòa : — montes , serras  
Traz de nós vemos voar !



— «Cavalleiro, cavalleiro,  
Assim me deixas cruel?  
Despe o saio, os braceletes,  
Deixa a cota, e teu broquel. . .  
Já não ha perros d'Hespanha,  
Não ha netos d'Ismael.

— « Ah! *Maria*, por teus olhos  
Eu sou forte campeão;  
Teus olhos, que me vencerão,  
Todo o mundo venceraõ:  
Tenho-os *por mim*: lá na liça  
Teus olhos por mim serão. . .

— «Cavalleiro, em crua lide  
Tu vaes por mim combater?  
Oh! não vás, que n'essa lucta  
Podes na liça morrer.  
Não pensas que é necessario  
Que vivas para eu viver?

— « Eu penso nos teus agradbs,  
No teu ros'ô de marfim,  
Nas tuas madeixas d'oiro,  
Nos teus labios de carmim;  
Penso em ti, e d'improviso  
Novas forças sinto em mim! »

Tu, ó donzella formosa,  
Protege o teu lidador;  
Dá-lhe força n-um sorriso,  
N-um olhar dá-lhe valor:  
Como premio da victoria  
Dá-lhe protestos d'amor!

— « Não me deixes, cavalleiro,  
Não me vás abandonar. . . .  
Qu'eu não possa, de medrosa,  
Teu ginete segurar! . . . .  
Mas se foges, (desgraçada!)  
Se me foges, vou chorar. . . .

— « Adeus! adeus, oh donzella!  
Novos loiros te darei;  
Enxuga os olhos formosos,  
Que vencedor voltarei:  
Tua belleza ultrajada,  
Gentil dama, eu vingarei!

Meu ginete das batalhas,  
Corre, corre sem parar:  
Erriça as crinas ao vento,  
Vem comigo batalhar:  
Corre vòs: montes, serras  
Traz de nós vemos voar!

III.

— « Quem é, quem é que se atreve  
Seus olhos a desprezar?  
Corra á liça, que, cobarde!  
Na terra o verei rojar. . . .  
De joelhos, desarmado,  
*Compaixão* ha-de bradar!

— « Eia! vamos! cavalleiro,  
Chama á liça o teu corcel;  
Desce a viseira do elmo,  
Cobre o peito c'o broquel;  
Aos olhos da tua dama  
Eu por mim, eu, sou revel.

— « Esporea o teu ginete,  
Vem, sem medo, pelejar:  
Com a lança d' aço fino  
Vem teus golpes fulminar;  
Com teu escudo de ferro  
Vem meus botes sustentar:

— « Com minha ferrenha cota  
Não defendo o coração. . . .  
O broquel ei-lo por terra,  
As manoplas n-esse chão;  
Até levanto a viseira,  
Té arranco o morrião!

— « Oh ! meu Deus ! eis-me vencido :  
Contra *ti* não sei lidar :  
Mulher ! mulher ! por piedade  
Não me faças perjurar ;  
Tu venceste : mas agora  
Sabe também perdoar. »

Contra o fogo dos teus olhos  
Quaes armas podéra oppôr ?  
Eu confiava nos d'*ella*,  
Nos olhos do meu amor,  
Mas teus olhos *vencem tudo*  
Com seu magico fulgor !

— « Cavalleiro, quem se atreve  
Meus olhos a despresar,  
Correndo á liça, cobarde,  
A meus pés se vem rojar :  
De joelhos, desarmado,  
Piedade vem bradar !

#### IV.

— « Meu ginete, vamos ! corre,  
Corre sempre a bom correr,  
Que teu senhor já vencido  
Longe daqui quer morrer :  
As mágoas do captivo  
Quer longe d'aqui soffrer !

— « Cavalleiro, espera, espera;  
Os meus loiros onde estão?  
Em paga do meu soccorro,  
Dá-m'os, dá-m'os, campeão!  
Fortaleci com meus olhos  
Teu braço, teu coração. . . .

— « Oh ! que mentes : fui vencido  
N-esta lucta succumbí:  
Esquecerão-me teus olhos,  
Mal os olhos d'*ella* vi:  
Sem luctar, como um cobarde,  
A seus olhos me rendi ! »

Tu tens agrados. . . . mas *ella*,  
Oh ! tem agrados sem fim :  
Se tens de carmim os labios,  
Seus labios são de rubim ;  
Se é de marfim teu semblante,  
O d'*ella* é d'alvo setim :

Sabem seus olhos tão lindos  
Penetrar no coração :  
Matar n-um doce requebro,  
N-um sorriso d'affeição. . . .  
Os teus olhos *nada sabem*,  
Teus olhos só lindos são !

Adeus, donzella formosa,  
Vae procurar novo amor :  
Esquece os meus juramentos,  
Deixa o pobre lidador,  
Que ficou escravo d'ella,  
Que te foi. . . . te foi traidor !

— Meu ginete, vamos ! corre,  
Corre sempre a bom correr,  
Que teu senhor já vencido,  
Longe d'aqui quer morrer !  
As mágoas do captivo  
Quer longe d'aqui soffrer.

Porto 13 de Fevereiro de 1848.



## O MEU LEBRÉU.

**A**INDA cá, fiel raseiro,  
Vem consolar teu senhor,  
Rasgados os seios d'alma,  
Só lhe resta o teu amor —  
Meu lebréu, tu n'este mando,  
Nunca me serás traidor !

Pobre alão, como n'outr'ora  
Nas caçadas te criei !  
Minhas magoas te narrava,  
Meu amor te confiei. . . .  
Tudo me trahiua na terra,  
E só contigo me achei :

Nas caçadas, outros tempos,  
Foste as lebres procurar;  
Guardaste as minhas manadas  
Por essas praias do mar —  
Hoje triste, solitario  
Vens teu senhor affagar !

Quando amei. . . (cruel lembrança !)  
Foi amor uma traição !  
Aviventei um desejo,  
Definhou-se o coração —  
Ingrata ! deixou-me um dia. . .  
Mas não tu, meu pobre alão !

Quantas vezes me entregaste  
Doces mensagens d'amor !  
Quantas vezes tu lhe deste  
Bilhetes do teu senhor —  
Trahiu-me, e tu bondadoso,  
Mitigaste a minha dôr !

Tive amigos, n'outras eras,  
Julguei-os um dom do céu ;  
Um e um fugirão todos,  
E só de ama-los fui réu —  
Hoje pobre, abandonado  
Só me resta o meu lebréu.



Oh ! quanto amei, desgraçado !  
As folias d'um festim,  
Ledas danças, almos jogos,  
Doces folguedos sem fim !  
Illusões, já não me illudem. . . .  
Meu alão, tem dó de mim !

A meus pés vem enroscar-te,  
Meu pobre alão tão fiel,  
Vem affagar minhas mágoas,  
O meu tormento cruel —  
Vem adoçar, com teus mimos,  
D'atra dôr amargo fel :

E quando alfim o sepulchro  
Te roubar o meu amor,  
Deitado aos pés do cruzeiro,  
Vae carpir a tua dôr :  
Guarda então, no chão da morte,  
As cinzas do teu senhor.

Porto 23 d'Abril de 1848.



## A' LUA.

*(Ao meu amigo Manoel José da Silva Rosa, Junior.)*

**P**OR entre espessas nuvens, solitaria  
Surge a lua nos céus, pallido brilho  
Espalhando d'além sobre as montanhas,  
As cópas prateando dos salgueiros,  
Doirando as negras, erriçadas rochas,  
Espargindo rubís ao lume d'agoa  
Com seus tremulos raios.

Rainha da soidão, quanto és saudosa!  
Quanto é grato o teu brilho melancolico  
Ver-te espelhar na immensidão dos mares!  
Quanto és linda a luzir em céus de trevas,  
Entre nuvens d'estrellas scintillantes,  
Candida lua — imagem da saudade —  
Ermo pharol das noites!

Eu amo-te. . . eu adoro os teus mysterios,  
A tua face, o teu fulgôr, teus raios,  
Ou tu brilhes sem véus, ou entre nuvens,  
Qual vergonhosa amante, a face occultes,  
Em terno arrufo, passageiro, e breve;  
Ou, com pallido brilho, tu retrates  
Mil phantasticas sombras.

Rainha da soidão, ah ! quantas vezes,  
Nas tristes horas d'horrido silencio,  
Fui chorando narrar-te minhas magoas,  
Quando a brisa das noites, perfumada  
Com a doce fragancia das violetas,  
Nas azas te levava os meus queixumes,  
Minhas ternas endeixas.

Quando a brincar, em grato desafôgo,  
Doces cantos d'amôr ia ensinando  
A's margens do Mondego; — e ao rez das agoas  
Em mesquinho batel boiava és noites,  
E vibrando da lyra as froixas cordas,  
Da vida no verdor cantava alegre  
Lindos, saudosos carmes.

Quando nos salgueiraes, entre perfumes,  
Entre as tremulas folhas, escondido  
Ia dos rouxinoes ouvir os cantos,

E ver, a esvoaçar por entre as flôres,  
Nuvens doiradas de gentís insectos,  
E prostrado no chão, gravar na terra,  
*Um nome — uma saudade.*

Mas hoje. . . . tão distante e solitario,  
Vagando assim por entre alpestres rochas,  
Sosinho, como o genio do deserto,  
Venho acordar o echo das montanhas,  
Chamar por *ella* — e suspirar saudoso,  
Como, na viuvez, saudosa rôla  
Suspira entre a floresta !

Pallida lua — imagem da tristeza —  
Como tu, quem podera eternamente,  
Suspenso lá dos céus, ver como um *ponto*  
O globo immenso a reluzir no espaço ! . . .  
Quem visse o mar, a terra, o céu e tudo,  
Como tu — no teu manto de saphira —  
Candelabro de fogo !

Quem visse as lindas, as viçosas margens  
Do limpido Mondego, e as suas agoas  
Ranhando as verdes ramas dos salgueiros !  
Quem visse as suas grutas d'esmeralda,  
Da laranjeira o tão suave arôma  
Quem podesse aspirar, per lindas noites,  
Ao longo d'essas praias !

Quem na fonte d'Ignez, junto dos cedros,  
Ouvindo o susurrar das froixas agoas  
Por entre as negras rochas, cobrejando,  
Te podesse inda vêr, celeste archanjo;  
E nos labios de nacar, tão formosos,  
N'um longo beijo protestar-te alegre  
Casta, doce ternura !

Lua ! lua ! qu'inveja te não tenho !  
Tu, com teus debeis raios, vaes travessa  
Innundar-lhe de luz o niveo rosto,  
As negras transas, as singelas roupas...  
Tu vaes... e eu desterrado, e longe d'ella,  
Não posso ao menos, em suave enleio,  
Contempla-la orgulhoso !

Lua ! lua ! onde está ? — dize-me, oh bella,  
Que é da virgem celeste dos meus sonhos ?  
Cerrou-lhe o somno os melindrosos olhos,  
Ou saudosa também, entre gemidos,  
Te pergunta por mim, astro das noites,  
E m'envia, banhada em triste pranto,  
Ternissima saudade ?

Lua ! lua ! que é d'ella — Acaso, ás noites,  
Vae sosinha vagando, junto ao rio,  
Revelar seu amôr ás duras rochas,

Aos verdes salgueiraes, ás claras agoas,  
A's estrellas do céu, á doce brisa,  
Ou vae gravar na praia, entre seixinhos,  
Meu nome, em fundas letras?

Lua! lua! qu'inveja te não tenho!  
Astro dos namorados, quem podesse,  
Como tu — a brilhar no anil do espaço —  
Vê-la, estatua gentil de lindo archanjo,  
E mandar-lhe, nas azas da saudade,  
Ternas recordações, meigas lembranças  
De gosos, e d'amores?

Mas se nem posso agora recordar-lhe  
Doces venturas que gosamos juntos  
Tão ditosos então, n'esses momentos,  
N'esse éden de delicias, hoje ao menos  
Vae, oh pallida lua, com teus raios,  
Em magos traços, em saudosas formas,  
Pintar-lhe a minha imagem.

Porto 3 de Setembro de 1848.

## A POMBA DO DESERTO,

(No álbum do Illm.º Snr. Claudino P. de Faria.)



ESTA pomba do deserto,  
Vem ser minha mensageira;  
Quero mandar-te a *Maria*,  
A *Maria*, a feiticeira:

Vae pois pousar-lhe no collo,  
Linda, fagueira avesinha,  
E batendo as niveas azas,  
Conta-lhe a mensagem minha:

Dize-lhe que dado ás penas,  
Aos martyrios, á saudade,  
Vou curtindo acerbos mágoas  
Da vida na soledade.

Porem a minha mensagem  
Como podes expressá-la?  
Vou ensinar-te, avesinha,  
A declarar-lh'a sem falla:

Para narrar-lhe a *saudade*,  
Da *saudade* dá-lhe a flôr —  
E, no gemer de teus *cantos*,  
Lhe dirás: « *do teu cantor.* »

Para exprimir meus tormentos,  
Minha dôr, minha agonia —  
Desperdiça algumas penas  
No regaço de *Maria*.

---



## ROMA.

**R**OMA, não ouves?... Escuta!

Lá trôa a voz do canhão;

Desceo sobre ti, na lucta,

O anjo da assolação....

Mas não tremas: se os teus bravos

Arrastrão ferros d'escravos,

Cospem na face do algôz:

Romanos, eia, ao combate,

Qu'inda a aurora do resgate

Ha-de raiar para vós!

Eia, á guerra! — o Capitolio

Dê ao mundo novas leis;

Esmagae, dae-lhe por solio

Sceptros, e c'roas, e reis:

Conquistae a liberdade,

Qu'entre horrivel tempestade  
Astro d'esp'rança reluz !  
Rola o libre ondas de sangue?  
Role-as sim : — tambem exangue  
O *martyr* tingio a Cruz.

Roma, ás armas ! e a victoria  
C'roará os filhos teus ;  
Entre proezas de gloria,  
Lhes dará novos trophéus :  
Não tremas : se escrava a França,  
Depois d'hórrida matança,  
Te lançou ferreos grilhões —  
Não tremas . . . sorri, princeza ;  
Verás, em tua defeza,  
Crescer novas legiões.

Ergue-te, oh forte ! Irritada  
Olha a sombra de Catão,  
Sobre ti co'a vista irada,  
Quasi a bradar : *maldição !*  
Não vês ? . . . Na dextra sangrenta,  
Marco Bruto te apresenta  
Tinto de sangue o punhal . . .  
Roma, ás armas ! eia, á guerra !  
— « *Liberdade em toda a terra* » —  
Seja a crença universal.

Foste vencida?... Os tyrannos  
Escarnecerão de ti?  
Qu'importa? Contra *romanos*  
Quem ha que peleje ahi?  
Erga-se embora Carthago....  
Fulmine-te a morte, o estrago,  
De *Cannas* funesto sol —  
Fulmine embora: distante  
Em *Zama* luz scintillante  
D'esperança aureo arrebol:

Venceste então: esmagada,  
Ella — a senhora do mar,  
Baqueou, vio abysmada  
Sua grandeza sem-par!  
E tu sorriste; d'altiva  
Sorri-te de novo, e aviva  
Nos filhos o patrio amôr:  
Vencerás, que não tens erros....  
Livra-te, escrava.... e co'os ferros  
Roma, esmaga o teu senhor!

Porto 21 de Julho de 1849.

## **O PENSAMENTO DA MULHER,**

**M**ULHER, ai! que és inconstante  
Como o sôpro do tufão!  
Cada volvêr de teus olhos  
Presagia uma traição....  
Ao voar dos teus cabellos  
Vae-te prêzo o coração:

Tu és como a borboleta  
Que, adejando no rosal,  
Namora todas as flôres,  
E a todas é desleal—  
E's como a fôlha que arrastra  
Sem cessar o vendaval.

Como o brilho das estrellas  
E' *constante* o teu amôr —  
Como a vaga d'esses mares  
Ora em paz, ora em furôr:  
Como o vulcão que ora dorme,  
Ora ergue hórrido clamôr!

Como a linda mariposa,  
Quaes astros do firmamento,  
Como a fôlha, como as vagas,  
Como o vulcão, como o vento,  
E' voluvel, inconstante  
Teu ligeiro pensamento. . . .

Porto — 1848.



### **-A BORBOLETA E A MULHER-**

**E**m torno á roixa violeta,  
Sobre os juncos do paul,  
Vae adejando inquieta,  
Matisada borboleta  
Com suas azas d'azul:  
Agora, com brando affago,  
Amima as agoas do lago  
Toda orgulhosa, e táfut;  
Logo, junto ao sol t'ó mago,  
Vae leva-la o vento sul. 7

A's vezes mais melindrosa  
Poisando na linda flôr,  
Lá s'esconde de medrosa,  
Qual a virgem vergonhosa  
Ouvindo fallas d'amor :  
Ora nos prados distantes,  
Com as azasambeantes,  
Vae sumir-se no verdôr . . .  
E, nos carmes susurrantes,  
Envia um hymno ao Senhor.

Agora, menos modesta,  
Procura os raios do sol . . .  
Fugindo ao calor da sesta,  
Lá no centro da floresta,  
Vae ouvir o rouxinal;  
Depois, mais triste e sombria,  
Em doce melancolia,  
Repoisa no girasol,  
Té que, dispondando o dia,  
Brilhe do dia o pharol.

E' noite : — junto da ermida  
Alveja rasteira cruz,  
E da pedra denegrida  
Froixa luz amortecida  
Alli suspensa transluz :

Nescia já d'amor doudeja,  
Em torno da cruz adeja. . . .  
Fatal fulgôr a seduz;  
Corre, chega, treine, arqueja. . . .  
Morre abrasada na luz!

Mulher! ~~tambem~~ na existencia  
Te seduz lume traidor!  
Deixas a doce innocencia  
Por fementida apparencia,  
Por um *nada* enganadôr;  
Tambem te chama um luzeiro  
Aureo, lindo, ferticeiro,  
E abrasa-te o seu fulgor!  
Esse fôgo traiçoeiro,  
Mulher! mulher! é o amor.





## **A LUZ DA NOITE.**



**Q**ua luzinha — como és bella

A luzir n'esse pinhal !

Luzes, como luz, nas praias,

O solitario fanal :

Como o fogo que guardava

Casta, formosa vestal !

Luzes, luzes solitaria

Cem tão pallido clarão,

Que avivas o fogo d'alma,

Que accendes o coração :

— Assim tão meiga a sorrir-te,

Que farás na solidão ?

Por entre esse mar de trevas,  
Tu fallas d'amor a alguem?  
Guias tibia o namorado  
Lá pelos serros d'alem?  
Ou fallas d'amor á dama,  
Dás-lhe *novas* do seu bem?

Junto a ti meiga donzella,  
Derrama prantos de dor?  
Lê d'amor doces cartinhas,  
Ao clarão do teu fulgor?  
Meiga luz — os teus mysterios,  
Serão mysterios d'amor?

Ou tu brilhas, por ventura,  
No sanctuario de Deus,  
Em torno da cruz sagrada  
Espargindo os raios teus?  
Oh luzinha — os teus archanos,  
Serão archanos dos céus?

De bella *moira* encantada  
Te accendeo a casta mão,  
Para que encantos minh'alma,  
Captives meu coração?  
Oh luzinha — os teus segredos  
Serão d'incanto, serão!

E's formosa como a estrella  
Por alta noite a luzir,  
Qual do ether pendurado  
Um globo d'oiro d'Ophir....  
Oh! mas não; — esse teu brilho  
E' mais formoso a fulgir.

Tu brilhas, como o brilhante  
Entre as areias do mar;  
Como brilha o pyrilampo  
Lá nos prados a folgar....  
Oh! mas não: tu és mais bella,  
Esse teu brilho é sem-par.

Qual da góndola o *luxeiro*  
De Veneza nos canaes,  
Tu reinas, doce luzinha,  
A brilhar n'esses pinhaes....  
Oh! mas não, que és mais formosa,  
Que o teu brilho brilha mais:

E's talvez como esse fôgo  
Que n'alma desceu dos céus,  
Como a chamma que rodeia,  
O throno immenso de Deus —  
E's como o *estro* do bardo  
Cantando os mysterios seus....

Oh luzinha ! esse teu fogo  
Falla tanto ao coração !. . .  
E's, oh luz, tão expressiva,  
Brilhando na solidão !  
— Oh ! tu retratas o mundo,  
Retratas a criação.

Fez-te um *desejo* do homem,  
Lindo pharol brilhador ;  
O mundo tornou-se mundo  
N'um desejo do Senhor. . .  
Do homem morres ao sôpro,  
Elle, á voz do Creador.

Porto 16 de Fevereiro — 1848.

---

## UMA SAUDADE.



**D**a' na vida, em verdes annos,  
Tive sonhos d'illusão —  
Affagou-me um sol d'enganos  
Da flôr da vida o botão:  
Oh! vi-a.... sonhei com *ella*,  
Sonhei com risonha estrella  
Das trévas na escuridão!

Ia espera-la sombrio,  
Nas serras, ao pôr do sol,  
Como o naufrago erradío  
Busca o longinquo pharol:  
Era a vida de minh'alma,  
De meus tormentos a palma,  
Dos céus um tenue arrebol:

E quiz-lhe muito — no seio  
Oh ! nem me cabia a dôr,  
Quando, em doce devaneio,  
Me occultava o seu fulgôr. . . .  
Mas, aos tristes sons do canto,  
Vinha enxugar o meu pranto  
Com seu pálido esplendôr.

Passei assim longos dias  
Da meiga quadra infantil,  
Quando, a matar-me agonias,  
Vinhão delicias ás mil ;  
Quando, ao *Leça*, entre verdores,  
Eu cantava os meus amôres  
No froixo, pobre arrabil :

Por *ella* só, verdes loiros  
Quiz nas batalhas ceifar :  
Ir combater contra *môiros* ;  
Lá nas praias d'alem-mar ;  
Ir colher trophéus de gloria,  
Ser o Anjo da victoria  
Entre os escravos d'Agar.

Ser o Deus do Capitolio,  
Entre monarchas ser rei,  
Calcar aos pés aureo solio

Só por *ella* o desejei :  
Não seria, não, o espectro  
Dos tyrannos, que o meu sceptro  
Fôra o symbolo da lei :

Só por *ella* a immensidade  
Quiz sulcar dos escarcéus,  
Affrontar a tempestade,  
Sorrir á furia dos céus !  
Quiz ser ativo corsário,  
Vencêr o mar — temerário  
Ir bradar-lhe : « *Aqui sou Deus !* » —

Quiz as pomposas riquezas  
Do soberbo Salomão —  
Quiz, no seio das grandezas,  
Ser o rei da criação :  
Quiz. . . e tudo só por *ella*,  
Tudo só por essa estrella  
De feiticeiro clarão. . .

E *ella* então vinha modesta  
A sorrir-me, ao pôr do sol,  
A's horas que, na floresta,  
Se carpia o rouxinol :  
Como então te vi tão lindo  
Hoje te vejo fulgindo,  
Da infancia minha ó pharol.

Vejo-te, sim — mas distante  
Já scintilla a tua luz :  
Para o seio d'outro *amante*  
Hoje vae correndo a flux :  
Só me deixaste — esquecida !  
Entre os espinhos da vida  
Do martyrio a ferrea cruz....;

Só m'a deixaste.... E qu'importa,  
Que m'importa o rigor teu?...  
Morta a c'rença, a esp'rança morta,  
Serás meu, astro do céu ?  
— Oh ! então, co'a luz tão varia,  
Cobre a pedra solitária  
D'um deserto mausoléu !





### SIMILHANÇA.




ONDE vaes adejando, oh mariposa,  
Com tuas lindas azas multicôres?  
Porque do lirio vaes poisar na rosa,  
Sempre contente, sem morrer d'amores,  
D'amor mataudo as flores!

Retrato d'*ella* és tu, oh borboleta!  
Seu meigo olhar, seu gesto feiticeiro  
Tudo captiva. . . Tu, louca, indiscreta,  
Prêsas só vês as flores; — prisioneiro  
Vê *ella* o mundo inteiro.

Coimbra — 1849.

## O SEPULCHRO DE CHRISTO.

 MA cúpula, dentro d'outra cúpula,  
Levantada no chão,  
Adornada de rocha, e duro marmore  
— *Sepulchro do Senhor* — modesta alveja  
Lá junto do Sião !

Sobre a rocha curvado o peregrino ,  
Que alli veio rezar,  
Beija a sagrada campá, e, em doces rezas,  
Vem louvar o seu *Deus*, chama-lo ao mundo. . . .  
Vem seus males chorar :

Vem dizer-lhe : — « Oh Senhor, escuta, atende  
Ao triste peccador,  
Que, em pranto sobre a pedra do sepulchro,  
Implora o teu soccorro : ah ! tem piedade. . . »  
Protege-nos, Senhor !

Depois ergue-se a custô, e vagaroso  
Triste caminha além :  
Eis pára inda uma vez, e os olhos volve  
Ao tumulto de Christo — á flor da terra ,  
Flor de Jerusalém —

Amargo pranto lhe assomou ao rosto,  
Crava os olhos nos céus :  
Senhor, senhor ouvi-me, que na terra  
Outra crença não tem o desgraçado  
Mais que o sorrir de Deus !

Assim disse e caminha : as altas torres  
Da cidade deixou :  
Ao longe, lá no cimo das montanhas  
Quasi a tocar no céu, lá no deserto  
O misero parou :

Jerusalem, no azul do firmamento,  
Já sóme os torreões :

Os minaretos, os jardins, as casas  
Parecem lá n'um mar — todo-esmeralda —  
Nevados galeões:

Inda uma vez, nas serras da Judea,  
O triste quer rezar:  
Depois... ah! para sempre elle abandona  
Esse lugar de fé: além caminha...  
Eis chega ao patrio lar:

E junto á meiga esposa, e aos ternos filhos  
Alegre se sorrio —  
A nova luz da crença, a lei de Christo  
Lhes vem dictar, que a pedra d'um sepulchro  
N'alma lh'as imprimio!

Salve, campa dos sec'los respeitada,  
Signal de redempção —  
Eterna mostras a maldade d'homens,  
Tu attestas um Deus: — tu és o livro  
Da crença de Sião!

Se um dia sobre ti for pezaroso  
Minhas mágoas carpir, —  
Eu bradarei, chorando os meus delictos —  
Resurge, oh! Deus, resurge e vem de novo  
Este mundo remir.

Ergue-te , oh Christo ; surge radiante  
De refulgente luz —  
Vem arreigar na terra a crença eterna;  
Amostra ao mundo, oh Deus, os teus martyrios,  
Mostra-lhe a tua Cruz !

Porto — 1847.



## A VIOLETA DA SERRA.

**P**OR crutas de rocha,  
Na serra sombria,  
Gentil desabrocha  
Aos raios do dia  
Florinha sem par ;  
Em torno á violeta  
Louçã borboleta,  
Brincando indiscreta,  
Vae meiga adejar :

A abelha doirada,  
Deixando os cortiços,  
Se vae nomorada  
Amar-lhe os feitiços,

Fallar-lhe d'amor ;  
Fugaz passarinho,  
Travesso, mesquinho,  
Lá forma o seu ninho  
Bem junto da flor :

Nas horas da sesta,  
Que o sol alli arde,  
Vae candida, honesta  
A brisa da tarde  
Por'hi a gemer ;  
O dia termina,  
A lua argentina  
Co'a luz peregrina  
A vae aquecer :

Por noite medonha  
Gentil pyrilampo,  
Na selva tristonha,  
Na relva do campo,  
Nas trevas reluz ;  
E corre ligeiro,  
D'amor prisioneiro,  
Levar-lhe um luzeiro  
Na falta da luz !

Aos raios da aurora  
Lustrosa, e bonita,

Se adorna, senhora  
De gala infinita,  
Mais leda e louçã;  
Então, brandamente,  
Saúda contente  
O sol refulgente,  
A luz da manhã:

O triste viajante,  
Que a vista desterra,  
A vê vecejante  
Nas fragas da serra,  
E vae-lhe fallar:—  
— «Florinha viçosa,  
Tu perdes, formosa,  
Na serra escabrosa  
Teu brilho sem-par!

Ah! folga, oh florinha,  
Aqui, no deserto,  
Se triste, e sosinha  
Los astros tão perto  
Tu podes florir!—  
Violeta tão bella,  
Na linda capella  
Da tredda donzella  
Não vás a sorrir!



Ah ! nunca o romeiro  
Na serra passando,  
Gozando o teu cheiro,  
Tão doce e tão brando,  
Te arranque sem dó :  
Ficáras na dança,  
E mais na folgança,  
Sem mais esperança  
Sepulta no pó !

Aqui, se murchares,  
Florinha innocente,  
Irá pelos ares  
Teu cheiro fervente  
Aos anjos dos céus —  
Assim os humanos,  
Deixando os enganos,  
Invião, co'os annos,  
As almas a Deus !

14 de Fevereiro de 1848,



## **A GRUTA DA SERRA,**

*(Ao meu amigo Antonio Coelho Lousada.)*

**N**a' na fralda d'uma serra  
Concava gruta gentil —  
Assombrada de continuo  
Por arbustos mais de mil:  
Coberta de brando colmo,  
Entretecido co'o til.

Mil florinhas multicôres  
Cobrem a relva do chão:  
Dos ramos do limoeiro  
Pende o cheiroso limão;  
N'um bosque de romanzeiras,  
Canta alegre o verdelhão:

Em lindas noites serenas  
D'argenteo, meigo luar —  
Luz a lympa da corrente  
Que alli vae a suspirar :  
Branquejão longe — bem longe —  
As brancas ondas do mar,

Saudosa brisa doudeja  
Entre as rosas do rosal :  
Agita, com doces brincos,  
O ribeiro de crystal :  
As léves folhas dos freixos,  
Os raminhos do pinhal.

Eu alli vou pensativo  
Vêr as florinhas do chão ;  
Vêr, entre a verde folhagem,  
Tremer o verde limão ;  
Vou ouvir, nos densos bosques,  
O cantar do verdelhão ;

Vou vêr do céu as estrellas,  
Vou vêr a luz do luar ;  
Ouvir o pobre regato  
Que alli vae a suspirar :  
Vou vêr as ondas de prata,  
Vou ouvir gemer o mar :

Vou confundir meus queixumes  
Com a brisa do rosal;  
Com o suave sussurro  
Da corrente de crystal:  
Com o cicío dos freixos,  
C'os raminhos do pinhal:

Mas que m'importa essa gruta?  
Que m'importa se é gentil?  
Se é formada d'altas rochas,  
E d'arbustos mais de mil?  
Que m'importa o brando colmo?  
Que m'importa o brando til?

Que m'importão essas flores  
Por entre a relva do chão?  
Que m'importa o limoeiro  
Donde pende aureo limão?  
Que importão as romanzeiras,  
O cantar do verdelhão?

De que serve, n'alta noite,  
Vir aqui vêr o luar?  
De que serve ouvir sombrio  
O regato a suspirar?  
De que serve ouvir ao longe,  
Bramir as ondas do mar?

De que vale a doce brisa  
A brincar entre o rosal,  
Agitando, em meigos jogos,  
O ribeiro de crystal —  
A cantar por entre os freixos,  
A gemer n'esse pinhal?

De que vale se a tyranna  
Não vem matar-me esta dôr?  
Fartar meus longos desejos,  
N'um curto beijo d'amôr?  
Se não vem ouvir os cantos,  
As queixas do trovador?

A's vezes, louco d'amores,  
Vou cantar-lhe uma canção,  
Vibrada nos seios d'alma,  
Nas fibras do coração —  
Que repercutem os echos,  
E os ais da viração:

E' assim: — « Meiga donzella,  
Casta e bella  
Como a nitida cecem —  
Amo-te. . . e amôr tão profundo,  
N'este mundo,  
Não sentio inda ninguem:

Minha fê, minha ternura,  
E' tao pura  
Como a brisa da manhã:  
Como a candida rolinha,  
E a luzinha  
Que brilha ás noites louçã:

Oh! quem dera, um só momento,  
Meu tormento  
Nos teus labios mitigar:  
Pagasse embora c'o a vida,  
Oh querida,  
O prazer de te abraçar: »—

---

Mas debalde alli descanto  
Minha tão pobre canção,  
Que aos meus prantos só respondem  
Os echos da solidão:  
— E lá, d'entre as romaneiras,  
Canta alegre o verdelhão.

Porto 17 de Setembro — 1848.

## **INNOCENCIA.**



**AMELIA!** Amelia! tu còras

Porque te fallo d'amor?

Ah! não còres; não é crime....;

Não tens de que ter pudor:

Anda cá.... mas tu desmaias?

Perde teu rosto o carmim!

Que temes?... dize.... medrosa,

Porque te assustas assim?

Choras, tremes, e ligeira

Cobres teu rosto co'a mão!

Cobre-o bem, que mais descobres

Teu singelo coração.

Mas tu foges?... Innocente!  
Porque foges tu de mim?  
Anda cá, quero assagar-te,  
Meu anjo, meu cherubim:

Tens receio que eu conheça,  
Qu'eu perceba o teu amor?  
Não tenhas, que já m'o disse  
De teu rosto a viva côr:

Já m'o disserão teus olhos,  
Tua gentil pallidez....  
Não fujas: quero abraçar-te,  
Quero beijar os teus pés:

Quero ensinar-te um segredo,  
Doce *mysterio* que eu sei....  
Anda cá, entre mil beijos,  
Entre assagos t'o direi:

— «Não sabes?... O pensamento  
Só se lê no coração;  
Se não quer's que t'o soletrem,  
Oh! não n'o descubras, não!

Coimbra — 1849.



## DEUS!

Senhor, nosso Dominador soberano, que  
admiravel é o teu nome em toda a terra!

SALMO VIII,



NOITE: — pelas crutas dos rochedos  
Brilha a luz do luar;  
Entre os ramos, além, nos arvoredos  
Retrata vãos gigantes em folguedos,  
Em danças a bailar:

Rapidos chegão, correm, desaparecem  
Com roupas de marfim!....  
Diminuem agora, agora crecem,  
E nos brincos, nos jogos, me parecem  
Os mortos n'um festim:

O vento, pelas selvas assoprando,  
Sentido suspirou;  
Ao longe, o negro mocho esvoaçando  
Piou tristonho, como o miserando  
Que ao morrer soluçou:

Oh lugar de tristeza, eu te saúdo!  
Quero-te, oh solidão!  
Silencio e paz.... Como deserto é tudo!  
Ah! sim, é o mundo aqui medonho e mudo  
Qual foi na criação!

Adeus! adeus, oh terra, eu te abandono,  
Roubo-te o meu amor;  
No serro das montanhas tenho um throno,  
Onde posso reinar.... eu sou seu dono,  
Sou do ermo o senhor!

Meus carmes na soidão irão mais perto  
Gemer aos pés de Deus:  
A lyra, pelas rochas do deserto,  
Ha-de carpir mais doce, ha-de, por certo,  
Como os anjos nos céus:

Longe do rir dos homens, vou sem medo  
Meus versos modular;  
Ouvi-me vós, oh Deus!.... guarde o segredo  
As canções com que doiro este degedo,  
Este longo penar!

I.

UM DESEJO.

Ao ver as ondas de prata,  
Vendo as nuvens d'escarlata,  
Mais o sol que se retrata  
Nas esmeraldas do mar :  
Ao ver á noite as estrellas  
Tão scintillantes, tão bellas,  
Fitando os meus olhos n'ellas,  
Começo triste a rezar :

Quando nasce a madrugada,  
Vendo a relva avelutada,  
Vendo a rosa nacarada,  
Vendo o lirio de setim,  
Vendo a louçã mariposa  
Adejando em torno á rosa,  
Rezo, e a prece fervorosa  
Leva a Deus um cherubim :

Depois nos céus do Orienté  
Larga faixa refulgente  
De rosas, d'oiro luzênte  
Vem formar a luz do sol :  
A fidalga e a camponesa  
Murmurão modesta reza ;  
Co' os hymnos da natureza  
Casa o canto o rouxinol :

Ao longe o sino da ermida  
Espalhando a voz sentida,  
Cem vezes repercutida,  
Pregôa *Deus* ao christão:  
Mas cessa o bronze da torre,  
O derradeiro ecco morre  
Pelo espaço que percorre....]  
Fica a voz do coração!

Oh! se eu pudesse um momento,  
Nas rijas azas do vento,  
Ir, lá sobre o firmamento,  
Ouvir os anjos nos céus,  
Das estrellas namoradas,  
Por esses céus espalhadas,  
Formara, em letras doiradas,  
O nome eterno de *Deus*!

## II.

### EXISTE DEUS.

Os astros, o mar, a terra  
As nuvens, os altos céus,  
No gyro, bellezas, graças  
Tudo brada: « *Existe Deus!* »

Nunca ouviste a philoméla,  
Cantando no mez das flôres,  
Elevar, em doces hymnos,  
Ao Eternø os seus louvores?

Não viste gentil pastora  
Cantar leda cantilena,  
Nas ermas penhas da serra,  
Ao som de campestre avêna?

Não vês, além, bonançosa  
Com mui brando murmurio,  
Correr, por entre seixinhos,  
A lympa amêna do rio?

Não ouves, por entre as brenhas,  
A rajada a sibilar,  
A trinar ignotos hymnos  
Que nos céus vão, echoar?

Nunca ouviste, em ermos sitios,  
O pinheiral a gemer,  
Imitando os ais extremos  
Do triste, que vae morrer?

Não ouves, junto á lareira  
Como a chama a crepitar,  
Parece em táctias vozes  
Seu proprio author confessar?

E, por noites de tormenta,  
Quando rebomba o trovão,  
Não te parece do Eterno  
Solemne, horrível pregão?


A philomela, e o regato,  
A pastora, o pinheiral,  
O vento, o fogo, a procella,  
Trinão canto divinal.

Doce canto, que aos viventes  
Brada eterno: « *Existe Deus!* »,  
*Deus!* repetem froixos echos,  
Té ás alturas dos céus.

7 d'Abril de 1847.

## A MARSEILLEISE

( Traducção. )

AMOS, oh filhos da França,  
Da gloria o dia chegou;  
A bandeira da matança  
A tyrannia arvorou:  
Não ouvis, nos vossos prados,  
Feros soldados bramar?  
Junto a vós, correm irados,  
Mães e filhos degolar:

Eia, cidadãos! á guerra;  
Vossos batalhões formae:  
Vamos! hoje a patria terra  
D'impuro sangue regae!

Que quer ess'horda d'escravos,  
Falsos reis, tredos vilões?  
Para nós farão, oh bravos,  
Já d'ha tanto, os seus grillhões?  
P'ra nós, francezes! Que affronta!  
Que transporte! que rancor!  
Para nós o crime aprompta  
Priscos ferros em furor,

Eia, cidadãos! á guerra;  
Vossos batalhões formae:  
Vamos! hoje a patria terra  
D'impuro sangue regae!

Como! um bando d'extrangeiros  
Dar as leis em nosso lar!  
Phalange de guerrilheiros  
Nossos fortes derrotar!  
Sancto Deus! Ao tórpe jugo  
Nossas frentes curvarão?  
Dependentes d'um verdugo  
Nossos destinos serão?

Eia, cidadãos! á guerra;  
Vossos batalhões formae;  
Vamos! hoje a patria terra  
D'impuro sangue regae!



Tremei reis, tremei falsarios,  
Negro opprobrio dos mortaes!  
Pagareis os sanguinarios,  
Vis projectos infernaes:  
Contra vós os nossos fortes,  
Se perdem a vital luz,  
Novas, armadas cohortes  
Prestes a terra produz.

Eia, cidadãos! á guerra;  
Vossos batalhões formae:  
Vamos! hoje a patria terra  
D'impuro sangue regae!

Francezes! como soldados  
Ide a morte fulminar:  
Mas poupae aos que, obrigados,  
Contra vós correm lutar!  
Porem não aos assassinos,  
Aos socios de Boullié,  
Aos que devorão, ferinos,  
Suas mães sem dó, sem fé.

Eia, cidadãos! á guerra;  
Vossos batalhões formae:  
Vamos! hoje a patria terra  
D'impuro sangue regae!

Da patria oh sancta amisade ,  
Conduz hoje o vencedor !  
Liberdade ! Liberdade !  
Defende o teu defensor !  
Trazelhe a doce victoria ,  
Que a tua voz faz nascer :  
Teu triumpho , nossa gloria  
Contemple o crime ao morrer.

Eia , cidadãos ! á guerra ;  
Vossos batalhões formae :  
Vamos ! hoje a patria terra  
D'impuro sangue regae !


*Copla dos meninos.*

Entraremos na carreira  
Só depois de nossos paes :  
Lá veremos sua poeira ,  
Os seus dotes immortaes :  
Desejando a sua morte ,  
Despresando este viver ,  
Poderemos (doce sorte !)  
Ou vinga-los , ou morrer.



## CANTO DOS GIRONDINOS.

(Tradução.)

 França chama seus filhos  
Do canhão ao brado horrendo;  
*A's armas!* diz o soldado,  
*Minha mãe, eu te defendo.*

Morrer pela França  
E' a sorte mais doce, mais doce esperança.

Nós que, longe das batalhas,  
Sem gloria alguma morremos —  
A' patria, e á liberdade  
Nossa morte dediquemos,

Morrer pela França  
E' a sorte mais doce, mais doce esperança.

## **AO DESPOTISMO.**

*Parodia á Liberdade do Snr. J. de Lemos.*



**QUEM** povos, e thronos, cidades e imperios,  
Virtudes e crença, quem póde agitar?  
Quem cobre d'estragos os dous hemispherios,  
Quaes rochas cubertas das agoas do mar?

Só tu, despotismo, vaidoso revolves  
O mundo, que os crimes tu vaes acordar!  
As leis despresando, seus laços dissolves  
Bramindo, qual bramem as agoas do mar:

Só tu, despotismo, verdugo do mundo,  
Com sceptro de ferro, desejas reinar. . . .  
A's bordas do abysmo medonho, profundo  
Tu corres revolto, quaes agoas do mar.

Tu medras (que assombro!) n'um lago de sangue. . . .  
E o mundo que gema d'escravo a chorar!  
Espectro de morte, tu reinas exangue  
Na terra, no inferno, nas agoas do mar!

Quaes feros ginetes, galgada a barreira,  
As veigas, os prados na fuga a talar,  
Assim, arvorando sangrenta bandeira,  
Assolas as terras, e as agoas do mar.

A's vezes tu dormes, qual meigo innocente,  
Tu dormes, verdadeiro, no crime a medrar!  
Despertas. . . . e, em jorros de sangue inda quente,  
Augmentas, redobras as agoas do mar!

Não cedas aos rogos, ao pranto, á belleza!  
Cruel! quem teus erros podêra estampar!  
Quem dera que lasso de tanta braveza  
Sumisses teus crimes nas agoas do mar!

Mes deixa, que os lirios da crença vecejão,  
Cá dentro no peito, da patria no altar. . . .  
E os barcos, que ao longe — bem largo — velejão,  
A's praias os trazem as agoas do mar!

II.

Não folgues.... A terra contigo lucrava  
Se em ferros podessem seus brios crescer....  
Mas morre e definha.... se geme d'escrava .  
Só pode sumir-se, finar-se, morrer!

Em Roma não viste mil torres erguidas,  
E Roma do mundo *rainha* se crer?  
As c'roas, que tinha, não viste abatidas,  
E Roma, em teus braços d'escrava morrer?

Não viste, inda ha pouco, nos reinos hispanos  
O sangue dos povos um monstro a beber?  
Não viste *vencidos* fugindo os tyrannos,  
Ainda, em teus braços, deixa-los morrer?

Escuta...., não ouves?.... que triste gemido!  
Lá geme a Polónia d'escrava a tremer....  
Na face da terra mirrado, sumido  
Um pòvo de bravos não vês a morrer?

Repara na França, na França d'agora,  
Que embalde teus crimes pertende esquecer:  
Não vês esse pòvo lutar porque adora  
A patria, e valente *por ella* morrer?

Reinaste, outras eras, na vil guilhotina,  
Os dentes de raiva convulso a ranger!  
Mas soa tremendo — *qual voz girondina* —  
Um brado de morte: « tu has-de morrer! » —

Repara, repara. . . . Não vês entre fumo,  
Entre ais, entre gritos, entre esse gemer,  
A' voz *liberdade*, sem guia, sem rumo,  
Fugir o tyranno, sumir-se, morrer?

Repara. . . . Do Douro, do Têjo as areias,  
Banhadas de pranto, parecem dizer:  
— « Quebrarão meus bravos d'um Nero as cadeas,  
Meus bravos em ferros hão-de hoje morrer? »

### III.

Mas tu, despotismo, reinando entre ferros  
D'escarneo, e ludibrio tu sabes sorrir. . . .  
Minoras teus crimes, capeas teus erros,  
Disfarças. . . . mas louco! não podes florir.

Um rastro de sangue continuo te segue  
E as fúrias do inferno, do inferno o rugir. . . .  
De Deus a justiça te opprime, e persegue,  
Continua te arrasta, não podes florir.

Arranca-te as c'roas, os sceptros t'esmaga,  
Teu solio de ferro tu vès alluir. . . .  
Trophéus de teus crimes, teu pranto os allaga,  
Tu tremes, cobarde! não podes florir.

Ao brado da guerra, pedindo vinganças,  
Desmaias. . . . acordas, pertendes fugir. . . .  
Renascem de novo tão doces esp'ranças  
A' voz *liberdade*; não podes florir!

D'ingratos tyrannos a rábida turba  
Que tu no teu seio soubeste nutrir,  
Com gritos, com prantos o mundo perturba,  
Vacillas, recuas, não podes florir. . . .

De sangue e riquezas a torpe cubiça  
Em ti quem a pode na terra medir?  
Na paz dos imperios teu odio se atixa,  
Rallando-te a inveja, não podes florir.

As aras ao Eterno, por nós cousagradas  
Tu sabes — hypocrita! . . . até prostituir!  
E as c'roas, que entregas ás testas c'roadas,  
Ao povo as roubaste, não podes florir. . . .

A's vezes tu finges bradar: *liberdade*,  
E vais-lhe ardiloso na face cuspir. . . .  
Querer-te na terra, verdugo, quem ha-de?  
Ah! nunca. . . . não podes, não podes florir!



IV.

Nem has-dê... que um astro de sombras toldado  
Já mostra d'esperança risonho fulgor...  
Co'a face na terra, na terra ajoelhado  
Quem dera cantar-lhe meus hymnos d'amor!

A elle somente tecera os meus hymnos,  
Sagrara meus versos, meu casto louvor,  
Se acaso no mundo seus raios divinos  
Viessem nutrir-me no peito este amor...

Amor que tão caro, tão grato me fôra,  
Se tu, liberdade, com sancto valor,  
Rasgasses aos povos a *venta oppressora* —  
Meu sangue te dera, tributo d'amor!

Ah! desce, rainha, firmada na lança,  
No sceptro que outr'ora te deu o Senhor;  
Vem, desce... resurja no mundo a esperança,  
Da paz as delicias, os sonhos d'amor!

Vem, desce... não tremas; ha tanto fugida  
A terra não deixes immersa em pavor!  
Resurje, nos braços d'um anjo trazida,  
Qu'eu quero cantar-te meus cantos d'amor!

Mas tu, despotismo, raivoso não deixas  
Que brilhe nas trevas seu mago esplendor;  
Tu folgas com prantos, divertem-te as queixas;  
Os hymnos da morte, não hymnos d'amor!

Verdugo !... Verdugo !... mas basta, que a letra,  
A letra é de sangue, de magoa, de dôr;  
No peito, ao canta-la, terrível penetra,  
Definham-se n'alma meus hymnos d'amor.


Mas triste... ai! ditoso somente eu seria,  
Se em vez d'este canto de fel, e de horror,  
Oh patria, podesse com doce alegria,  
Tanger-te, na lyra, meus cantos d'amor!

Porto 11 d'Agosto 1848.



## A FOLHA.

(Tradução.)

a' do teu tronco arrancada,  
Pobre folha abandonada,  
Onde vaes? — « Eu não n'ó sei!  
F'riu o raso fulminante  
O carvalho onde brotei.

Com o seu sôpro inconstante  
O galerno, o aquilão,  
Por aqui me traz errante,  
Da serra ao bosque distante,  
E das praias ao sertão :

★


Eu vou onde a cada instante  
Me leva o vento cruel —  
Onde vae tudo: a viçosa  
A murcha folha da rosa,  
Secca folha do laurel.

Porto 23 d'Abril,



## OS MEUS DESEJOS.

(*A' Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. C. Amelia Coutinho.*)

uantas vezes eu scismo  
Em ser um d'esses heroes,  
Que, dos seculos no abysmo,  
Brilhão, quaes aureos pharoes!  
E minh'alma então inquieta,  
Deseja a voz d'um propheta,  
Doces carmes de poeta,  
Brandas tintas de pintor;  
Quer exceder, n'esse instante,  
Apelles, David, e Dante,  
E n'um colosso gigante  
Ter meu nome d'esculptor.

Oh t' s'eu pudesse, inspirado,  
Sobre o ferro dos canhões  
Nas batalhas conquistado,  
Gravar minhas concepções —  
Escarneo da eternidade,  
Erguera, sobre a cidade,  
Com serena magestade  
Tua estatua colossal,  
Que, c'o tempo furibundo,  
No voraz cahos profundo,  
Veria findar-se o mundo,  
Em pé, no seu pedestal t'

S'eu fosse um vate sublime,  
Como o sabio Daniel,  
Esmagára o torpe crime  
Em carmes d'amargo fel —  
Cantára, com voz de ferro,  
Nas trevas d'este desterro,  
A' perfidia, ao vicio, ao erro  
Meus cantos de maldição :  
Mas no tremendo alaúde  
Louvára a tua virtude,  
Teus viços de juventude,  
N'esta geral corrupção,

S'eu tivera uma grinalda  
De gentis, verdes laureis,

Verde, verde, d'esmeralda,  
Nobre, qual c'roa de reis; —  
Se do genio herdára o sceptro  
Se tivesse a voz, o metro,  
Se tivesse o regio plectro  
De Virgilio, ou de Camões,  
Curvos d'assombro os imperios,  
Em canção — toda mysterios —  
Cantára aos dois hemispherios,  
Tuas gentis perfeições!

Se de Guido achasse a palma,  
E o genio d'elle a ferver,  
A borboilar dentro d'alma,  
Qual volcão, que vae nascer —  
Pintára te, em alva tela,  
Feiticeira, e casta, e bella,  
Com teu sorrir de donzella,  
Mimosa pomba dos céus,  
E a terra, gemendo insana,  
T'iria bradar — « *Hosanna!* » —  
Como a captiva á sultana,  
Como um archanjo ao seu Deus!

Mas ah! de balde procuro  
Tornar meu nome immortal,  
E, monarcha do futuro,  
Reinar, qual aureo fanal!

Em vão quero (miserando!)  
Ser um anjo venerando,  
Qu' aos pés os sec'los calcando,  
Fulgissem, assombra do sol —  
Que visse o meu nome inscripto,  
Em cem molles de granito,  
Soberbas, quaes as do Egypto,  
Qual de Rhodes o pharol!

Oh! quem dera:— embora a guerra  
Ao troar de mil canhões,  
Fosse rola-las por terra,  
Cobri-las d'imprecações—  
Da terra mudo vigia  
Houvera reinado um dia,  
E com a fronte sombria  
Firmara o throno de Deus;  
E ao calir, como em memoria,  
Como tropheu de victoria,  
Um echo eterno de gloria,  
S' elevára até aos céus!

Mas se tão fagueiro sonho  
Não posso realisar,  
Vem, com teu gesto risonho,  
Meus desejos apagar. . . .  
Vem, c'os teus longos cabellos,  
Desatados, em novellos,



Tão ondulantes, tão bellos,  
De tão linda e negra côr;  
Vem, com teus castos abraços,  
A prender-me em doces laços;  
Dá-me por *c'roa* os teus braços,  
E por *gloria* o teu amor,

- Porto 29 d'Agosto de 1848.

## **A ANDORINHA.**

*(Ao meu amigo Manoel Duarte Monteiro)*



ANDORINHA maviosa,  
Vens acaso namorar  
Esta terra deleitosa  
Lá das selvas d'alem-mar?  
Quem te traz á patria minha,  
Linda, fagueira avesinha,  
Quem te traz a Portugal?  
Serão estes arvoredos,  
Estas praias, e rochedos,  
Estas agoas de crystal?

Vens buscar um desafogo  
A's penas do teu amôr?  
Ou vens ver um sol de fogo  
E namorar-lhe o fulgôr?  
Veas, entre mimosas flôres,  
A curtir amargas dôres,  
Na paz, e na solidão?  
Vens ver da noite os luzeiros  
Tão gentís, tão feiticeiros  
Com seu rùtilo clarão?

Andorinha, vens acaso,  
No centro dos laranjaes,  
Aos teus amôres dar azo,  
Vens soltar aqui teus ais?  
Vens vêr o cravo, a roseira,  
A cheirosa caneleira,  
O doirado girasol?  
Ao som do mar que se arróla,  
Vens ouvir gemer a rola,  
Ver carpir-se o rouxinol?

Quem da patria te arreбата?  
Quem te faz errar assim?  
Não tens lá astros de prata  
Com seus raios do rubim?  
Não terás tão claras agoas?  
Não s'escutão dôces magoas

Os rouxinoes a carpir?  
Não ha selvas encantadas,  
Não ha praias namoradas,  
Nem o céu se vê sorrir!

Lá não tens a primavera  
Tão feiticeira, e gentil?  
Nem as verdes grutas d'hera  
Entrelaçada c'o til?  
Não tens a paz, o socego?  
Não tens de prata o Mondego?  
Não tens do Leça o crystal?  
Oh! que não: tantas bellezas,  
São nossas, são portuguezas...  
Nem ha outro Portugal.

Mas vae. . . corre aos teus filhinhos,  
De ternura almo penhôr;  
Vae levar-lhe, em teus carinhos,  
Terna mãe, teu casto amôr. . .  
Volta á patria, e s'encontrares,  
Ou lá na terra, ou nos mares,  
Virgem, que dos céus baixou —  
Dize-lhe que um malfadado  
Viu-a em sonhos, e acordado  
Desde então a idolatrou!

**A' MINHA AMELIA.**

**M**ULHER ! porque tão meiga me sorriste  
Quando no meu sonhar d'amenos sonhos  
Brilhava a doce esp'rança , qual fulgura  
N'um céu abrazador um sol de chammas ?  
Porque vieste assim roubar-me a vida  
D'argenteas illusões, d'aureas chyméras,  
E rasgar-me , sem mágoa , os seios d'alma ?

Antes de ver-te , contente  
Vivia isento d'amor :  
Em meu peito , inda' innocente ,  
Não brotára acerba dôr ;

Sosinho, á beira do rio,  
Ia ouvir o murmurio  
Da corrente de crystal;  
Ia ledado e descansado  
Colher o lirio do prado,  
Alva rosa do rosal.

Erão então meus amôres,  
As brancas conchas do mar:  
Amava os aureos fulgores  
D'um pathetico luar;  
Amava a magica estrella,  
A sineta da capella,  
O cantar do rouxinol —  
E, com suave alegria,  
Entre as brenhas m'escondia  
Quando s'escondia o sol.

Mas um dia, angustiado  
Senti, no peito, um volcão. . . .  
Senti tremer d'abrazado  
Quasi exangue o coração;  
Tinha-te visto formosa,  
Como nivea, humilde rosa,  
Com teu ar de serafim;  
— Quiz-te fugir, mas não pude,  
Que julguei ver a virtude  
No teu rosto de marfim.

E fiquei mudo e quêdo a contemplar-te  
Momentos esquecidos — largas horas  
D'incerteza, e d'amor, d'esp'rança e magoa!  
Oh! que formosa qu'eras! Nunca o bardo  
Pôde em sonhos d'extranho devaneio  
Imaginar sequer tão bellas formas:  
Sobre o collo de cysne ao desalinho,  
Ao desdem as madeixas te cahião;  
Na madrugada as lagrimas do orvalho  
Não imitão sequer teus alvos dentes:  
Desmerecem teus labios purpurinos  
D'aurora boreal purpureas côres;  
Branca nuvem gentil, n'um céu de trevas,  
Não pôde escurecer teu niveo seio.  
— Vi-te assim, e no intimo do peito,  
No cofre o mais recondito d'est'alma,  
Eu guardei para sempre a tua imagem.

Tu me sorriste, sorri-me,  
Tu olhaste. . . . olhei tambem;  
O que n'um olhar s'exprime  
Na voz não o diz ninguém:  
— E foi assim que fallamos,  
Foi assim que revelamos  
Mysterios do coração. . . .  
— Magas fallas d'um sorriso  
Na lingua do paraizo  
Tem tão suave condão!

Depois de pejo córaste,  
Sem querer também córei;  
Com froixa voz me fallaste,  
Com froixa voz te fallei;  
E tu disseste: — « E' tão lindo  
Ver, entre nuvens, fulgindo  
Das estrellas o fulgôr! »  
— E eu te disse: — « Oh! que é mais grato  
Ver assim o meu retrato  
Dos teus olhos no esplendor: »

E tu sorriste e disseste:  
— « Como é saudoso o luar,  
Quando a saphira celeste  
Vem de chammás adornar! »  
E eu te disse, c'um sorriso,  
— Pombinha do paraíso,  
Meigo, gentil serafim,  
Oh! sê minha. . . hei-de adorar-te,  
Seguir-te-hei a toda parte,  
Se te sorris para mim! »

Não respondeste, não: mas nos teus labios  
Meigo sorriso deslizou travesso,  
E foi, cõ as niveas azas, agitar-te  
Os lindos, magos olhos d'esmeralda;  
Já mais perto, mais doce o teu bafejo



De mui suave aroma embalsamado  
 Veio aflagar-me então as penas d'alma,  
 E, em torno a mim, o zephíro ligeiro  
 Tuas singelas roupas espalhando,  
 Veio arreigar-me as faces melancólicas  
 Com tuas negras tranças: dos teus braços,  
 Cedendo de tu' alma ao doce impulso,  
 Nivea cadea de jasmins, de neve,  
 Em torno a mim formaste, e as niveas faces  
 Da innocência o pudor veio tingir-t'as!  
 — Languida a fronte nõ meu seio occultas,  
 E os niveos olhos para os meus volveste!

Foste minha. . . oh! que foste! e nunca, nunca  
 Tão saudosa lembrança, ha-de apagar-se,  
 Ha-de morrer nõ intimo dest'alma. . .  
 Nunca. . . não: oh! bem cedo ha-de esmaga-la,  
 Ha-de sumi-la a pedra d'um sepulchro,

Ha-de, que já sem ti viver não posso,  
 E bem cedo, ai de mim, hei-de perder-te. . .  
 Teus lindos labios de formoso nácar  
 Jamais hão-de beijar tostados labios  
 Do pobre trovador: jamais na terra,  
 C'roas e sceptros despresando altivo,  
 Verei nos braços teus, n'um céu d'affagos,  
 Em ond s de prazer, n'um mar d'incantos —  
 Teus lindos olhos, teu fagueiro rosto. . .  
 Oh! nunca, nunca mais me será dado

Sobre o teu seio candido, de neve  
Recostar, a tremer, a ingenua fronte....  
— Como no outono as folhas da floresta,  
Assim cahirão murchas dentro n'alma  
Tantas esp'ranças no verdôr da vida!

Passarão.... mas no peito uma saudade  
Bem gravada ficou — mais doce e amêna  
Do que branco luar de branca lua....  
Nada mais: — quando o sol no mar s'esconde,  
Trémulo raio vem ferir as nuvens;  
E da festa ao findar, vae longe o echo  
Resoar docemente.... Assim na vida,  
Das horas de ventura unico raio,  
Echo final, só tenho dentro n'alma  
Funda e bem funda a lugubre saudade.



## OS MEUS MARTYRIOS.



Quiz um dia recordar-me  
De teu fero desamôr:  
Do rigor dos teus caprichos,  
Das mágoas do teu rigôr;  
Quiz ver de quantos espinhos  
Tu cingiste a minha dor.

Mas quem pode, n'este mundo,  
Mágoas, sem conto, contar?  
Quem conta á noite as estrellas?  
Quem os rubis do luar?  
Quem conta as conchas da praia?  
Quem conta as ondas do mar?

✱

Ingrata ! immensas angustias  
Por teu respeito soffri —  
Que desde o solemne instante  
Em que na terra te vi,  
Forão tantos meus martyrios  
Quantos momentos vivi.

Porto—1848.



## A CITHARA E O PLECTRO.

**M**ALIA, quando nasceste  
Aurea cithara formosa  
Deo-te um anjo do Senhor:  
Tu, nivea pomba, cresceste  
Folgasã, bella, e mimosa,  
Mas sempre isenta d'amôr.

A tua cithara d'oiro  
Não a sabias tanger:  
Era o teu melhor thesoiro  
Que a ninguem deixavas ver.

Um dia... não te recordas?  
Tinhas da belleza o sceptro  
Entre as damas do festim:  
Quizeste *ferir-lhe* as cordas,  
Porem faltava-te um plectro,  
Alvo plectro de marfim;

Tu sombria t'encostaste  
A's columnas do salão —  
Os olhos no chão cravaste,  
A dextra no coração....

Fras prìnceza na festa,  
E nos jogos, nas folias  
Ninguém, ninguém te ganhou—  
Que tu, formosa, e modesta  
Cá na terra então par'cias  
Anjo que dos céus baixou.

Mal te vi, perdi-me logo,  
Doidejei só de te ver:  
Senti um vulcão de fogo  
Dentro no seio a ferver.

, . . . . / . . .

Dei-te um osculo no rosto,  
Abracei-te.... e os ternos beijos,

Os abraços ninguém vio;  
Mitiguei o teu desgosto,  
Tu creaste os meus desejos,  
Mas breve o tempo fugio.

E prolongava-se a dança,  
As folias do festim;  
Crescia mais a folgança....  
Nunca vi prazer assim!

Nós, no festejo perdidos,  
Entre os jogos despresamos  
Dessa festa o resplendor:  
Busquei teus olhos queridos,  
E só nos olhos fallamos  
Celestes fallas d'amôr:

A tua cithara d'oiro,  
Ai de mim! qui-la tanger....  
Cedeste-me o teu thesoiro  
Que a ninguém deixavas ver.

Levei-te por entre a dança,  
Por salões, e corredores  
Até onde.... nem eu sei!  
E, bem longe da folgança,  
Sobre alcatifa de flôres,  
A tua lyra toquei.

Um e um os seus arpejos  
Soarão no coração;  
Paguei-te com doces beijos,  
Minha fatal perdição!

O que eu toquei n'esse dia,  
Que tão bondosa te vira  
Não o toquei nunca mais;  
Nem eu posso, nem queria,  
Que o meu plectro n'outra lyra  
Não tira sons divinaes.

A tua cithara d'oiro,  
Ai quem m'a mandou tanger?  
Oxalá que o teu thesoiro  
Jamais eu chegasse a ver!

Março.— 1847.



## A ESTRELLA E A CAMPA.

*Ecoute le récit des peines que je sens!*

M. DE LA LANE.

### I.



ESTRELLA, oh! como ostentas melindrosa

Lá n'esses céus d'azul a côr da prata!

Brilhando assim, por noite bonançosa,

Como és pura e louçã, como és saudosa,

Oh estrella do céu, quanto me és grata!

Brilha, como a doirada lantejo'la,

Como branqueja á noite alvo alabastro;

Da natureza a lucida aureôla

Joia melhor não tem, mal desenrola

A noite o manto seu brilha, oh astro,

Oh luz d'amor, estrella de saudade,  
Facho da solidão, eu te bem-digo!  
Quero ver-te a brilhar na immensidade,  
E, sobre as niveas azas da amizade,  
Mandar-te um beijo ao céu, chamar-te *amigo*!

Oh! que brilho que tens! cá sobre a terra  
Posso ver-te a brilhar no mez d'Agosto!  
Mas se chamo por ti, teu disco erra....  
Desces então do céu, tocas na serra,  
E nos montes d'além sómes teu rosto:

Socega! que jamais irei saudoso  
Com meus rogos d'amor importunar-te;  
Brilha, brilha nos céus sempre formoso;  
Eu não te chamarei, não, que amoroso  
Quero ver-te a fulgir, quero adorar-te:

Não sabes quanto é grato ao pobre bardo  
Ver-te a face gentil, formosa estrella!  
Quanto é grato, ao largar das dor's o fardo,  
Ver tornar-se anilado um céu já pardo,  
Ver-te lusir alli; dizer-se: é ella!

Quando te vejo assim, d'istante a instante,  
Mais cresce o triste amor que me devora;

Tu m'a fazes lembrar , estrella errante ,  
Pois s'és da noite o astro mais brilhante ,  
*Ella* dos sonhos meus , o foi n'outr'ora .

Era meiga e gentil, como na terra  
Nada tão lindo ha — *só ella. . . ou nada !* —  
Mais linda que a luzinha lá da serra ,  
Que tudo quanto o céu no gremio encerra ,  
Mais linda do que tu , mais namorada .

Tu presumçosa e louca , á noite escura ,  
Miras do céu teu rosto sobre as vagas ;  
Ella revio na lympha amena e pura ,  
De dia e noite a sua formosura ,  
Tu só durante a noite alli divagas .

Tu tens rivaes em toda a redondesa ;  
Milhões d'estrellas , n'essa còrte infinda ,  
Te disputão o brilho , a gentileza ;  
Eu com tudo o que tem a natureza  
Ao compara-la, sempre a achei mais linda !

Porem ella morreo , na flor da vida ,  
Como a virente , a candida açucena  
Cortada inda ao nascer . e aos céus subida  
Roga por nós a Deus ; virgem descida  
Ella foi lá dos céus , não foi terrena :

Estrella ! tu se acaso o lindo rosto  
Nas montanhas d'alem formosa occultas,  
Lá surges á manhã, lá vens de gosto  
A natureza encher, e em mez d'Agosto  
— Fanal da solidão ! — nos ceus avultas ;

Mas ella dorme, á sombra dos cyprestes,  
Sob a louza da campa, em soledade :  
Seus mimos, sempre candidos, celestes,  
Ei-los alli no pó.... olha.... são estes !  
Ei-los aqui.... por toda a eternidade....

Nunca me viste, em noite tenebrosa,  
Vir aqui ajoelhar sobre esta louza ?  
Gritar.... banhar de pranto a campa annosa,  
Ai de mim !.... té que voz mysteriosa  
Do sepulchro me diz : *ella repousa* ! —

Desce oscula-la á campa, radiante  
Com teus raios de luz, oh minha estrella !  
Vem.... eu te deixarei beijar a amante ;  
Vem, qu'eu posso tão perto, e tu distante,  
Tu, oscular-lhe a louza, eu, chorar n'ella.

Vem.... dize-lhe depois que soffro tanto !  
Que de continuo em vão por ella chamo :  
Que lhe fallo d'amor.... que vem meu pranto

Banhar-lhe este recinto sacro-sancto...  
Dize que depois della a ti só amo!

Oh! sim: amo-te muito: hei-de algum dia  
Tecer-te de verbena honrosa palma  
Se escutares tão lugubre agonia...  
O brilho teu dos céus á terra envia,  
Que Deus da terra aos céus chamou su' alma.

Porto 28 d'Agosto de 1847.

## II.

Estrella! surges sosinha  
Lá n'um céu de puro anil;  
Vem reinar como rainha,  
Estrella meiga e gentil!  
Surges com face de prata,  
Mas a noite t'a arrebatá...  
Ficas oiro sobre azul:  
Como é lindo ver teu rosto,  
Assim por noites d'Agosto,  
Quando não foges do sul!

Oh! estrella scintillante,  
Meu encanto e meu amor,  
Mostra-me a face brillante,

Com teu froixo resplendor:  
Surge, surge, oh minha bella,  
Pois sabes fallar-me *della*  
N'essa tão sancta mudez:  
— *Ella sumio-se da terra* —  
Tu m'o dizes, e na serra  
Te somes por tua vez!

Quanto mais perto t'anhele  
Mais de mim vaes a fugir —  
Nasces lá n'um céu tão bello,  
E vaes em fogo luzir —  
Vaes a raia sobre o cinto  
D'esse horisontal recinto,  
Todo d'oiro, e de carmim:  
Vaes e foges. . . . depois tornas,  
Sempre o céu risonha adornas  
Que teu brilho não tem fim.

E's tão bello, tão formoso,  
Oh astró da solidão!  
Oh lume mysterioso,  
Arcano da creação!  
Todo o mundo quer teu brilho,  
Por isso vaes no teu trilhio  
Em toda a parte brilhar;  
O Senhor assim t'o ordena,

Manda-te, estrella serena,  
Outros mundos namorar. . .

Mas espera ! . . . Quanto és linda !  
Quero ver-te, astro do céu,  
Por essa saphira infinda,  
Sem negro, ou nevado véu :  
Mas vaes a terras estranhas,  
E por choças e montanhas  
Somes o rosto eternal :  
Oh ! não vás, que em terra alheia  
Talvez tu pareças feia,  
Tu, tão bella em Portugal !

Sumio-se ! . . . oh luz d'agonia  
Assim me deixas tão só !  
Vem beija-la á campã fria,  
De minhas mágoas tem dó :  
Manda os teus raios celestes,  
Por entre os verdes cyprestes,  
Vem ah ! vem luzir aqui ;  
Anda beijar-lhe o jazigo,  
E dizer como eu lhe digo :  
— « *Acorda ; surge d'ahi !* » —

Tu fugiste ; e peregrina  
Lá surge a lua nos céus —  
Vem, com a face argentina,

Mostrar os encantos seus. . .  
Mas eu desprezo essa lua;  
Amo só a face tua,  
Só teu brilho quero ver:  
N'essa saphira brilhente,  
Quero ver-te rutilante  
Surgir, reinar e morrer!

Desprezo a lua, as estrellas;  
A côr do céu tão louçã:  
Desprezo as nuvens tão bellas,  
Desprezo a linda manhã. . .  
Desprezo orvalhos, e briza,  
E a lympha que se divisa.  
Banhando o lirio, a cecem:  
Desprezo a campina, o prado;  
O pastor, o manso gado —  
Desprezo as choças d'além.

Desprezo tudo que outr'ora  
Com tanto amor adorei:  
Desprezo o que o mundo adora,  
Amo tudo o que odiei:  
Esta campa antiga e forte,  
D'estes cyprestes de morte  
O taciturno doce! —  
Amo os mortos, a tristeza,



Amo o horror da natureza,  
Como... o Senhor d'Israel! —

Amo o silencio nocturno,  
Quero ver morrer o sol:  
Amo o mocho taciturno  
E desprezo o rouxinol;  
Amo essa luz de saudade,  
Que aqui, n'esta soledade,  
Pende alli d'aquella cruz —  
Quero aqui, sobre esta louza,  
Onde *minh'alma* repousa,  
Prostrado dizer: « *Jesus!* » —

Gosto de beijar a terra,  
E sobre *ella* soluçar;  
Ver o sitio onde s'encerra,  
A' froixa luz do luar:  
Gosto até de minhas dôres,  
Lembranças dos meus amores,  
E de ler o nome seu!  
Quizera abrir-lhe o sepulchro,  
Ver seu rosto alegre e pulchro,  
E dizer-lhe: — « *Olha... sou eu!* » —

Mas a lua recatada  
Com seu aureo, argenteo veu —  
Já fugio apressurada

Com as estrellas do céu;  
Volta oh noite: eu quero vê-la,  
Quero amar a *minha estrella*,  
Que só com ella vivi:  
Não quero o fulgor da aurora  
Que, se toda a gente a adora,  
Eu vendo-a, digo: — «*morri!*» —

31 d'Agosto.

III.

Quando, estrella formosa, descias  
Té ás verdes, gentis serranias  
Da saphira tão linda dos céus,  
Assentei-me nas penhas erguidas;  
Quiz fazer-te as finaes despedidas,  
Quiz n'um beijo d'amor, dar-te a *Deus!*

Tu fugiste louçã e medrosa,  
Como virgem d'amor vergonhosa,  
Que do tímido amante fugio:  
O teu brilho d'estrella-rainha  
Mal apenas luzido lá tinha,  
Nas montanhas d'além se sumio:

Fui depois, pelas verdes campinas,  
Ver banhar as mimosas boninas

Mil ribeiros gentis de crystal —

Fui colher a nevada açucena,

Fui, nas sômbra da noite serena,

Apanhar as violas do val!

E colhi a formosa saudade,

E a florinha colhi da amisade,

E o nevado, odorante jasmim:

Colhi cravos, e lírios e rosas,

Madresilvas gentis e cheirosas,

O cheiroso, virente alecrim;

Fui por montes, e serras e penhas,

Por campinas, e prados e brenhas,

A colher álga flor que lá vi....

Té a florinha louça das montanhas

Apanhei, n'essas terras estranhas;

Té os goivos da campa colhi:

Fui da hastea da vida arranca-las,

Vim na louza da morte estolha-las....

Vim aqui seu aroma espalhar —

Vem, estrella, brilhar entre estrellas,

Com teus raios, teu brilho aquece-las....]

Com meu pranto as virei rociar.

10 de Setembro.



IV.

Sobre estas penhas erguidas ,  
Estrella, vim-te esperar ;  
Mas as nuvens denegridas  
Por esses céus espargidas,  
Não te deixão scintillar.

Tu não vens, oh minha estrella ,  
Fulgurar n'um mar d'azul !  
Temes a negra procella ?  
Encrespa-te a face bella  
O fero sôpro do sul ?

Brilha o raio, na tormenta ,  
Logo rebomba o trovão —  
Que á tempestade accrecenta  
Frio horror, que mais s'augmenta  
C'o brado de *compaixão* !

Eu não rezo. . . . desgraçado !  
Minhas rezas esqueci —  
N'este sepulchro sagrado  
Crença e tudo ! asferrolhado  
Tudo que tenho está 'qui. . . .

Mas ás vezes no meu canto ,  
Nos meus versos sei rezar !

Mando ao numen sacro-sancto,  
Como rezas o meu pranto,  
Como crença o meu pesar !

Surge, estrella, que surgindo  
Tu reinarás lá nos céus —  
Vem mostrar teu rosto lindo ;  
Vem vê-la, no somno infiado,  
Acalentada por Deus !

V.

Estrella ! que é de ti ? Já não fulguras.  
Com ten froixo clarão, lá nas alturas,  
Como até 'qui brilháras tão gentil ?  
Que é de ti, minha estrella ? onde te occultas ?  
Com meu pesar, meu pranto acaso exultas ?  
Porque não vens brilhar n'um céu d'anil ?

Mas ah ! talvez tu brilhes mais sombria,  
Até que expire assim a luz do dia,  
Sobre a lucida faixa occidental !  
Tu és da noite o seu melhor thesoiro,  
Mas em doirada faixa aljofar d'oiro  
Sumido foi talvez n'esse oiro igual ;

Quero esperar que a noite s'adiante,  
Que luzas lá no céu como brilhante

Cahido d'um divino resplendor !  
Mas a noite lá vem. . . eis as estrellas. . .  
Lá surge a lua alfim no meio d'ellas. . .  
Tu só não vens reinar com teu fulgor !

Quantas vezes eu vi , mesquinho e louco ,  
A faixa do horisonte a pouco e pouco  
Ceder a côr do ouro á do carmin !  
E depois despar'cer quando fugias ,  
Ficando-lhe as erguidas serranias ,  
Como enluctada faixa de nanquin :

Quantas vezes te vi por noite amena ,  
A brilhar lá nos céus , linda e serena  
Como candida alampada eternal !  
Tu fallavas d'amor , risonha estrella !  
Trazias-me sequer lembranças d'ella —  
Vinhas vê-la na louza sepulchral !

Quantas vezes não vim apressurado  
Sobre esta fria campa recostado ,  
Aguardar que luzisses n'esses céus !  
E tu meiga e louçã , vinhas tão triste  
Dizer-me em teu fulgor : « Olha : ella existe ,  
Lá n'essa côrte infinda aos pés de Deus ! »

Quantas vezes também não vi teu rosto ,  
Lá por noite formosa , em mez d'Agosto ,

De lindo veu toldado em céus d'anil!  
Oh! como eu te seguia n'essas eras,  
Até que pelas serras te esconderas.  
Indo brilhar no mar, sobre esmeril!

Mas hoje que é de ti? Aonde ingrata,  
Onde levaste o brilho e a côr da prata?  
Teu rosto pelos céus não mais reluz!  
Fugiste; e assim tão só me abandonaste?  
Bemdito oh Deus! que apenas me deixaste  
Na campa a crença, os olhos n'essa cruz!

1.º de Outubro.



## A TORRENTE

(A' Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. C. *Amelia Coutinho*.)



OLHA . . . não vês, além, como a torrente  
Por ingremes rochedos despenhada,  
Salta, e resalta, com fragor ingente,  
E foge apressurada!

Repara, e vê, ao longo das campinas,  
Como agora, a teus pés, geme saudosa,  
Por entre a verde relva, entre boninas,  
Descendo vagarosa:



Depois . . . olha , lá vae sumir as agoas ,  
Com tão lugubre som , tão gemebundo ,  
Por esses areaes , entre essas fragoas ,  
No pélago profundo !

Imagem da existencia ! — Assim a vida  
Por penhas tem acérbos dissabores ,  
Por tapete gentil d'herva florida ,  
Por boniças — amores ,

Tambem — ai triste ! — ao cabo da existencia  
Fundo abysmo sem fim negrejar vemos ,  
Negro , negro . . . é a campa ! — Da innocencia  
Ah ! foge , foge e amemos ,

Coimbra 6 de Janeiro de 1848,

—————

### **À BANHEIRA.**

**E**u filha das ondas, formosa banheira,  
Nascida entre penhas á beira do mar :  
De dia nas vagas eu brinco fagueira,  
A's noites namoro da lua o luar !

Quando ella fluctua por noite formosa  
Envolta em seu manto d'argenteo fulgôr,  
Quando ella de gosos me falla orgulhosa,  
Eu, filha das ondas, sorrio d'amor !

Sorrio. . . . o sorriso da pobre banheira  
E' como ardentia nas ondas do mar. . . .  
E matão seus olhos se os ergue fagueira,  
Se os baixa travessos á luz do luar.

Porem, se das vagas a virgem formosa  
Do astro das noites adora o fulgôr. . . .  
E' livre. . . . Das praias princeza orgulhosa  
Aos filhos da terra não vende este amor.

Não vende. . . . innocente, risonha a banheira  
Vae ver seus incantos, banhá-los no mar,  
E, ás noites nas praias cantando fagueira,  
Não córa de pejo da noite ao luar.

Da face crestada na cutis formosa  
Revê-se-lhe d'alma celeste fulgôr;  
S'ngelos vestidos só traja orgulhosa,  
Não compra com galas estúpido amor.

Bem longe dos homens, a lèda banheira,  
E' livre, mais livre que as ondas do mar;  
Se em festas acaso se mostra fagueira,  
E' mais namorada que argenteo luar.

D'altivas cidades a dama formosa  
Que ostente de joias mentido fulgôr. . . .

Ostente... que eu zombo da nescia orgulhosa,  
Por ellas não troco, não troco este amor....

Oh! nunca, que os gesos da pobre banheira  
Não podem pagá-los as joias do mar....  
De todos os nobres a vida fagueira  
Não vale uma noite passada ao luar!

S. João da Foz — 1849.



### **OS DOIS CYSNES.**

*(Ao meu amigo Antonio Fructuoso Ayres de Gouveia)*

**ER**ÃO dois cysnes — no verdôr das selvas,  
Ao som de claras agoas,  
Ambos alegres, ao nascer da aurora,  
Seus carmes lhe trinavão — descontentes  
Carpião suas magoas:

Soberbos ambos esvoaçavão ledos

Por entre as lindas flôres:

Ambos, nadando no sereno lago,

Orgulhosos, banhavão suas plumas,

Em delirio d'amôres:

E ninguém separá-los pertendesse  
Que era baldado intento —  
Juntos as magoas d'um sentião ambos;  
Vivião ledos — ignorando ainda  
Da saudade o tormento.

Mas um dia raíou (funesto dia!)  
Aurora da *partida* —  
Um d'elles do *Mondego* aos densos bosques,  
Aos verdes salgueiraes, foi solitario  
Contar magoas da vida!

Perdeo a doce voz — matou-lhe o canto  
Asperrima saudade:  
Sósinho ao pôr do sol, sósinho ás noites,  
Ou d'aurora ao fulgôr, vagava triste  
Por erma soledade.

Margens formosas do seu patrio Doiro,  
Lobregas penedias,  
Erguidos montes, solitarios bosques,  
Mais, e mais á lembrança lhe trazião  
Da infancia amênos dias.

Ao companheiro... não! Esse mais ledo  
Na *lympha* da corrente,  
Nos jardins d'esmeralda, em céu d'amôres,

S'espanejava airôso, e rei dos bosques  
Trinava alegremente!

Canções que elle cantou d'amor nascidas,  
Nascidas da ventura,  
Oh! que lindas não são! — Ninguém na terra  
Mais harmoniosos carmes escutara,  
Mais languida brandura.

Mas um dia o cantor volveo do exílio,  
Das margens do Mondego,  
Do companheiro aos bosques: mas sombrio  
Em turbida corrente, a vida arrastra  
Em duro dessocego!

Chegou... embalde chama: no deserto  
Expirão seus clamores,  
Que altivo o companheiro, abrindo as azas,  
Com vôo d'aguia foi, aos pés do Eterno,  
Tecer os seus louvores!

E o cysne solitário apenas ousa,  
No seu viver tyranno,  
Boiar em pobre lago... — mas sobre elle  
Campêa o espaço immenso, e ao longe brame  
O tumido Oceano!

**QUE FIZESTE!**

**Q**um beijo teu, na terra, entre a procella,  
E' luz d'esp'rança ao nauta no deserto  
D'encapelladas ondas; meiga estrella  
Ao desterrado, que, com passo incerto,  
Busca por ella, a natalicia terra;  
Um beijo teu.... mas, doida, que fizeste?

Não sabes, malfadada,  
Que n'um beijo d'amor tu me perdeste?

Que tens em dura guerra,  
De lutar contra mim, ou bondadosa,

Por penhor d'affeição —  
Matar-me a cada instante com teus beijos  
Doces desejos, ou cruenta e irada,  
Aos meus pedidos responder-me, não!



**• MEU REGADO.**

**E**MILIA ! quem lá te dera  
Um beijo do trovador !  
Quem de ti cá me trouxera  
Meigo sorriso d'amor !  
Quem matasse esta incerteza,  
Das saudades a tristeza,  
Quem matasse esta fereza,  
Estes requintes de dôr ?

Vou mandar-te o *meu recado*  
Nas azas d'um serafim,  
Que te busque apressurado,  
N'uma nuvem de marfim:  
Porem não, qu'elle amoroso,  
Ao ver teu rosto formoso,  
Oh! talvez... e eu sou cioso!...  
Já não quero o cherubim.

Vou mandar-t'o pela brisa,  
Que anda nos ceus a cantar,  
Qual bella sacerdotisa  
No sanctuario a rezar:  
Mas não, que ao ver-te tão pura,  
Póde roubar-te a candura,  
Incitar-te a ser prejura,  
Ensinar-te a variar!

Vou mandar-t'o, minha bella,  
Por um astro lá dos céus:  
Vou... mas não! que póde a estrella  
Ao ver os agrados teus,  
Ter ciume, e de raivosa  
Crestar-te a face mimosa;  
A côr da neve e da rosa,  
Roubar-t'a c'os raios seus.

Eis lá corre pelos ares  
Ligeira nuvem gentil ;  
Vou mandar-te os meus pezares  
Dentro em seu gremio d'anil :  
Ah ! corre , corre apressada ,  
Vae buscar a minha amada ,  
Ao achá-la, socegada  
Dize-lhe entre aflagos mil :

— « É' elle que a ti m'envia ,  
O teu pobre trovador ;  
Entre as magoas da agonia ,  
Dá-te um osculo d'amor . . .  
Vae e volta n'um bafejo ,  
Trazendo-me d'ella um beijo ,  
Com que mate este desejo ,  
Com que minore esta dôr !

Mas não vás importuná-la ,  
E rasgar-lhe o coração ;  
Voa antes procurá-la ,  
Sobre as azas d'um tufo :  
Pousa-m'a depois mais leda ,  
N'esses teus braços de seda ,  
Entre as sombras da alameda ,  
N'esta triste solidão !

Não: corre, corre co'o vento —  
Lá pelos campos dos céus;  
Quero soffrer meu tormento,  
Soffrer os desgostos meus —  
Que tu, oh nuvem, ao ve-la  
Tão innocente, tão bella,  
Tu fugias-me com ella,  
Ias levá-la ao teu Deus!

17 de Fevereiro 1848:



## A' MINHA PATRIA

( *Imitação.* )

**P**ATRIA! tu dormes? O pèzo  
Não te opprime dos grilhões?  
Não sentes seu vil desprêzo,  
Tu, a flor das mais nações?!  
Foste vaidosa rainha  
Do mar, que a custo sustinha  
Teus soberbos mastarêus!  
Hoje dormes desenganada,  
Dormes na campa adornada  
Com teus antigos trophêus.

Oh ! não durmas , que o teu somno ,  
Que esse lethargo é fatal :  
Acorda , sobre aureo throno ,  
Vem reinar , oh Portugal.  
Vem , d'esse abysmo profundo ,  
Vem dictar as leis ao mundo ,  
Vem colher novos laureis. . . .  
Empunha a ferrenha adaga ,  
E destróe , derruba , esmaga  
Valídos , servos , e reis !

Não te esqueças d'esses dias  
Em que Roma desmaiou !  
Quando , ás tuas galhardias ,  
A fronte no chão curvou :  
Quando as aguias arrastradas ,  
Dos corceis aos pés calcadas ,  
Baquearão lá dos céus ;  
Quando á tua voz , o solio  
De *Romula* — o Capitolio  
De pavôr estremeceu.

Oh ! não risques da memoria  
D'*Ourique* os verdes laureis ,  
Quando a palma da victoria  
Arrancaste a extranhos reis :  
Quando do Tejo a rainha

Baqueou — quando mesquinha  
*Sanclarem* se fez christã;  
E, com valor jámais visto,  
S'ergueo o pendão de Christo  
Entre os escravos do Islam!

Lembre-te o sangue vertido  
Lá nas praias d'alem-mar,  
Quando o *povo* destemido  
Foi *por ti* a batalhar!  
Onde jaz hoje esse brío  
Que, nas muralhas de Dio,  
Mostraste ao mundo — onde está?  
Qu' é da lança, que escrevia,  
Em cada pedra que erguia,  
— Portugal e Jehovah! —

Então eras tu valente,  
Eras leão entre mil,  
Qu' um só d'entre tua gente  
Não sonhára um feito vil.  
Foi então qu'entre as tormentas  
Abrindo o mar. . . apresentas  
Novos mundos, novos céus. . .  
Lisboa é do mar princeza,  
Perde a soberba Veneza  
O sceptro dos escarcéus.

Foste um *povo de Romanos*,  
Do mundo altivo leão;  
Hoje, escravo dos tyrannos,  
Nem te peza a escravidão!  
Que fazes da antiga fama?  
Manchas os loiros d'um *Gama*?  
Manchas d'*Almeida* os laureis?  
Caleas a coroa d'um *Castro*!....  
E' que dos povos o astro  
Sumio-se, brilha o dos reis!

Patria! Patria! que delicto  
Te veio assim esmagar?  
Nem da *maldição* o grito  
Tu podes livre soltar!  
Não podes, não, que o verdugo  
Mais ferreo te aperta o jugo  
Que te comprime a cerviz....  
Abranda as iras do Eterno;  
Oppõe ás tramas do inferno  
Um novo *Mestre d'Aviz*!

Mas se primeiro o teu crime  
Com sangue s' ha-de reinar,  
Se do jugo que te opprime  
Te has-de livrar no porvir —  
Se a victima *expiatoria*,



Pode dar-te nova gloria,  
Reverdecer teus laureis —  
Verdugos! alçae o ferro,  
Alçae, que da patria o erro  
Com *meu sangue* apagareis.

Porto — 1849.



## O LIVRO DOS ASTROS.

**A** PENAS o dia expira  
Amostra a noite nos céus,  
O seu livro de saphira  
Alli *traçado* por Deus:  
Tem uma folha somente —  
Em cada letra luzente  
Cem *mysterios* eternaes:  
Não sei o que tem escripto;  
Porem n'um livro infinito.  
Muito lerião mortaes.

Letras, que tem, são *estrellas*;  
Cada letra um *mundo* é;  
— Eu crio no fogo d'ellas  
O fogo da minha fê:  
No mais não sei entendê-lo....;  
Pasma d'extatice ao vê-lo,  
Mas decifra-lo não sei:  
Não sei, nem quero — na terra  
*Mysterios*, que o livro encerra,  
Eu por mim nunca os lerei.

Nunca os lerei — e no mundo  
Quem os sabe decifrar?  
Só no seu roncar profundo  
M'os diz de continuo o mar....  
Elle sim: mas quem n'ó entende?  
Oh! quem das ondas compr'ende,  
Soberbo, eterno preg'io?  
Eu não, que só leio n'ellas,  
Sò me dizem as *estrellas*;  
— « *Creador e criação!* » —

Decifra-m'ò a tempestade  
No soprar do vendaval;  
O trovão na immensidade,  
M'ò diz com brado infernal:  
Mas quem sabe o qu' elle falla?  
Do trovão, que ao longe estalla,

Quem compr'ende átro clamar?

— A mim, dizem-me as procellas,

Os escarecéus, as estrellas,

— « *Creação, e creador!* » —

Mas quando, ás noites s'escuta

Do mar altivo pregão;

Quando o céu todo s'enlucta,

E brilha a luz do trovão;

Quando contemplo abysmado

D'immensos soes semeado

O campo immenso dos céus —

Pasmo.... do infinito a imagem,

Diz-me em extranha lingoagem:

— « Tudo que vês não é Deus! »



**A' MINHA LYRA,**



**Q**UANDO nasci deo-me a lyra  
Lindo archanjo do Senhor,  
Dizendo-me: « Tem trez cordas:  
N'uma d'ellas canta amor,  
Na segunda a patria tua,  
Na terceira o Redemptor. »

Eu peguei da lyra d'oiro  
Doces canções entoei;  
Cantei d'amor as delicias,  
D'amor as penas cantei;  
As glorias da minha patria,  
O meu Deus apregoei.

Hoje ainda a pobre lyra  
Canta os mysterios d'amor;  
Canta as victorias da patria,  
Canta os dons do Creador,  
E já que a lyra assim canta  
Bemdito sejas, Senhor !



**A UM JOVEN.**

**N**o nascer puro e viçoso  
De lindo, sereno dia,  
Nunca foste pezaroso,  
Ao alto da serrania,  
Um nome ás serras contar?  
E, curvado ao pé do monte,  
Ao sol, que luz no horisonte,  
Tuas magoas confiar?

Quando, ao longo das campinas,  
Viste sereno ribeiro  
A trinar canções divinas  
De divino cancioneiro,  
Nunca choraste de dor?  
E ao regato, que gemia,  
Contaste a tua agonia,  
As penas do teu amor?

Quando formosas estrellas  
Em ondas d'azul tremião,  
Jamais ao vê-las tão bellas,  
Do pesar que t'infundião  
Uma saudade nasceo?  
Não gemeste d'amargura?  
Não confiaste a ternura  
Aos lindos astros do ceu?

Nunca sentiste d'amores  
Tremer, estallar teu seio  
Ao ver as viçosas flores  
Enlaçar-se em doce enleio,  
E não lhe disseste assim:  
— « Oh ! essa cor, tal lindeza  
Recorda-me a gentileza  
De formoso cherubim? »

Quando, por noites d'inverno,  
O raio nos céus luzia,



E o trovão, qual voz do inferno,  
Longe, e ao perto rebramia —  
Não sentiste igneo volcão?  
E, nas lages da calçada,  
Poisaste a fronte abrazada,  
Congelaste o coração?

Jamais, por entre folias,  
Divagando como espectro,  
Onde, em throno d'alegrias,  
A ventura empunha o sceptro —  
Sentiste magoas d'amor?  
E ao vê-la assim nas folganças,  
Voar em ligeiras danças  
Não estallaste de dôr?

Vendo no campo da morte  
Alvejar rasteira lousa,  
Nunca, abraçando, em transporte,  
A cinza que alli repousa,  
Foste, em segredo chorar?  
Não te lembraste que um dia,  
Tambem assim dormiria  
A virgem do teu sonhar?

Se tal é... nunca adoraste...  
Foste sempre malfadado!  
Doido, no mundo vagaste,

Como sombra de finado,  
Como rei dos mausoleus!  
Nem tens vida, nem tens alma,  
Que do soffrimento a palma  
Mata o homem, cria um Deus!

Porto — 1848.



## O LAUREL DO BARDO.

**E**IS-ME c'roado emfim: virentes loiros  
Não me adornão o rosto macerado;  
Loiros, ceifados ao troar dos peloiros,  
Esses não — são da frente do soldado.

O laurel, que ceifei, é mais brilhante;  
A c'roa do infeliz é mais augusta;  
A da guerra é de sangue gotejante. . . .  
Mas a d'*espinhos* lagrimas só custa!

Fui ditoso: — cantei na pobre lyra,  
Doces esp'ranças, languidos amores:  
Hoje o bardo, que triste inda suspira,  
Tem o diadema de pungentes dores.

Ceifei-o, sim: — da lyra as debeis cordas  
Despedaçou-m'as a fatal desgraça!  
E que m'importa, do sepulchro ás bordas,  
Libar-lhe o fel em venenosa taça?

Mais um martyrio. . . do cypreste a palma,  
Uma illusão n'um tumulto perdida!  
Retalhado d'angustia o seio d'alma  
Entre martyrios, que m'importa a vida?

Anjo, perdi-te. . . E no fragôr da guerra  
Não perde o forte os membros mutilados?  
E o marinheiro, á foz da patria terra,  
Não succumbe nos mar's encapellados?

Elles riem. . . tu gemes, vil cobarde!  
Porque perdeste da existencia a *es'rella*?  
Não chores, não, que sentirás, mais tarde,  
Outro amor, dos martyrios na procella.

Folga. . . do amor a corda está quebrada,  
A da *crença* tambem ei-la perdida. . .  
Mas a da *patria*, oh! não, que abandonada  
Será só quando me abandone a vida.

Porto — 1849.

**LEONARDO.**

( *Romance marítimo.* )

**E**NCAPELLADO o mar, bramindo altivo,  
Açoita as nuvens, no luctar contínuo  
Das enerespadas, marulhosas vagas:  
F, do mar á mercê, navega ao largo  
 Linda, veloz galé. fluctua *airosa*,  
Desenrolada ao vento das procellas,  
Des *catalães* a tumida bandeira:  
E do sol ao fulgôr nos altos mastros,

Na pôpa e tombadilho lá fulgurão  
Açacalados ferros; pela enxareia  
Zumbindo o furacão enfuna as vellas;  
E as encrespadas ondas sobem, saltão  
D'estibordo a bombordo. . . . Oh! que é sublime  
A procella no mar, quando o marujo,  
Entre a immensa extensão d'immensas agoas,  
Não vê, em torno a si, mais que um sepulchro:  
Das manobras o som — os ais, os gritos,  
A celeuma dos nautas vão perder-se  
No bramido das ondas. . . . Não s'escuta  
Mais que o brado solenne da tormenta!

Ben junto da amurada, pensativo  
Gentil mancebo está: não longe d'elle,  
Co'a ferrea espada se diverte alegre  
Formosa dama, no verdor dos annos,  
Linda, como luar d'argentea lua  
Doirando da galé a longa esteira;  
Mais pura do que a estrella d'alvorada  
A brilhar por manhã de primavera.  
Oh! quem a visse alli, no longo oceano,  
Como aljofre a boiar ao som das ondas,  
Só por fagueiro olhar d'aquelles olhos,  
Por branda, doce falla de piedade,  
Por um sorrir d'amor lhe dera a vida.

Mas ella, d'um marujo meiga esposa,

Adora a luz do raio; e das procellas  
Ao feroz estampido, á voz dos mares,  
Ao ver as nuvens, lá n'um céu de trevas.  
Como c'roa do nauta, amontoadas  
Entre medonhas, denegridas sombras,  
Sorri-se desdenhosa, que o sepulchro,  
Que os derradeiros trances da agonia  
Gratos lhe forão junto do consorte.

*Leonardo* também mais a adorava  
Do que aos virentes loiros da victoria:  
Era-lhe a voz da esposa mais suave,  
Mais doce, que o bramir das crespas ondas:  
Adorava-a tão cego, como adora  
O misero, que soffre, a paz dos vermes,  
A grinalda de goivos d'uma campa.  
— Inda ha pouco, ante as aras sacro-sanctas,  
Com nevados festões d'alva açucena  
Da virginal esposa a fronte ornára!  
Inda ha pouco. . . . Infeliz! e já tão cedo  
F'a guerra no furor, á voz da morte,  
Qual gigante soberbo do oceano,  
Fi-lo que vae altivo, como o raio,  
Novos loiros ceifando destemido,  
De *Génova* o pendão sumir nas vagas!

Sonhos d'ingano, que adejaes risinhos  
Em torno do infeliz: doces chymeras

De phantastica luz, de meiga esp'rança,  
Fugi, deixae-o a sós: — deixae que o triste  
Espraie inda uma vez olhos e vida  
Pela vasta amplidão das vastas ondas!  
Deixae que á patria, no sorriso extremo,  
Da meiga viração nas pandas azas,  
Envolto n'alma envie o *adeus* da morte...  
Oh! deixae-o apertar, d'encontro ao seio,  
D'encontro ao coração, a meiga esposa,  
Anjo de paz e amor, que ha-de perder-se,  
Que ha-de sumir-se, despar'cer bem cedo,  
Como a florinha do volcão tsnada  
Entre os estragos de sangrenta guerra!  
— Oh! folga, folga alegre, que o sepulchro,  
Das crespas agoas no retiro eterno,  
E' sempre grato ao pobre marinheiro!

O mancebo estremece, e os olhos lança  
Pela extensão das vagas que, bramindo,  
Em torno da galé fervem soberbas!  
Mudo, immovel ficou. Co'as negras azas  
N'alma lhe adeja horrivel pensamento;  
Arfa-lhe o seio ardente, e em fogo, corre  
De veia em veia, transformado o sangue!  
Do ciume o furor, d'amor as chammas,  
Lh' offuscão da razão ceeste fogo...  
Vê na mente, em delirio, a triste esposa,  
Da escravidão os ferros arrastrando,



A's plantas d'um senhor curvar a frente.  
Ouve-lhe os ais d'angustia, e vê nas faces  
I'm longo fio a deslizar-lhe o pranto....  
— Gotas d'orvalho na cecem mimosa. —  
Treme.... ao peito, em furor, estreita a esposa  
Entre os robustos braços, qual s'enrosca  
Na columna quebrada, em ermos sitios,  
Venenosa serpente:

« Esposa, esposa,  
(Elle lhe diz) não sabes? dentro n'alma  
Negro, horrivel presagio me atormenta!....  
Olha.... não vês já perto navegando  
De *Satagro* as galês, onde soberbo  
O pendão genovez tremúla ao vento?....  
Vamos lutar.... De morte horrivel luta  
Vae reinar junto a nós: o sol da aurora,  
Qu'inda a furto transluz ao rez das agoas,  
Ha-dê ver espumar sangrentas ondas,  
Ouvir do moribundo o arranco extremo,  
A grita das batalhas.... Ha-de, oh bella,  
Talvez.... quem sabe?.... ver boiar nas vagas  
Do esposo teu o inanimado corpo....  
E.... (tormento do inferno!) aos pés d'um tigre  
Da c'roa d'*innocencia*, que te adorna,  
Seccas, dispersas as mimosas flores.... »

Ignéz tremeo: — o rosto melindroso  
O anjo do pezar veio toldar-lhe

Com denso espesso véu, em mar de gèlo  
Desbotando-lhe as rubras, lindas rosas...  
— « Esposo (ella lhe diz com voz sumida)  
Se entre nós e o futuro se alevanta  
Uma tumba de morte, ao menos juntos  
Iremos ambos, sim, á eternidade ! »

Mais queria dizer, — á flor dos labios,  
Veio o pranto embargar-lhe as doces vozes:  
Ergueo as mãos, no céu os olhos fita,  
E junto ao meigo esposo, — como a virgem  
Fé Thabôr, ante as aras, — ajoelhando  
Aos céus envia fervorosas preces...  
Reza e reza: o rezar consola o triste!  
A oração do infeliz é tão suave,  
Como a bonança a dissipar as trevas,  
As densas, negras nuvens da tormenta.

Porem já lá vem perto empavezada  
De *Sa'agro* a galé: o vento enfuna  
As espaçosas vellas, sibilando  
Por entre a enxarcia com bramido horrendo...  
No tombadilho, e vergas, nas antennas  
Apinhados de *Genova* os marujos,  
Rija celeuma aos céus envião ledos;  
A' c'roa da victoria sacrificio  
Braços e corações... O mar resalta  
Em torno da galé, co' a branca espuma  
Açoitando o velame, e os altos mastros.

Segue-a não muito longe a nobre armada  
Do ativo genovez,

— « A' guerra ! á guerra !

Eia ! marujos, da victoria os loiros  
A quem valente batalhar comigo,  
E as salsas ondas escolher por tumba !  
Vergonha eterna ao misero cobarde  
Que aos ferros d'ua n senhor off'reça os pulsos ! »

Fizse ; e valente se arremeça ativo,  
Beijando a esposa, que assustada treme,  
Dos *atalães* ao centro : ferreas machinas,  
Entre nuvens de settas, vomitando  
Por toda parte a morte, horrivel brado  
Vão confundir das ondas co' o bramido !  
Unidas as galés, torção-se as vergas,  
As vellas d'ambas ; e o tinir dos ferros,  
O sibilar das pedras, os gemidos,  
As preces da *maruja*, o horror e a morte  
Reinão por toda a parte em densas trevas !  
O espaço rasgão mutilados membros,  
E em sudario de sangue amortalhados  
Arquejão no convez sangrentos corpos . . .  
Tudo é perdido . . . Chovem, como raios,  
Os guerreiros de *Génova* nas vergas,  
Antennas, tombadilho ! . . .

«E' tudo escravo. . . .»

Tudo é nosso, soldados; do triumpho  
A aurora, que raiou, nos trouxe a c'roa.»  
*Salagro* assim bradou, e, destemido,  
Como o cedro no meio das montanhas,  
Ao vencido infeliz roxea os pulsos  
Co' os pezados grilhões do captiveiro!

Cançado de lutar, junto da esposa  
Leonardo correu: — «Perdido é tudo  
Ignez, querida Ignez! . . . — «'Tudo é perdido?» —  
Ella repete, e dos formosos labios  
Brando sorriso lhe fugio fagueiro,  
Mas triste, como a hora do crepusculo,  
Como extremo fulgor da luz do dia. . . .  
— «*Perdido é tudo!*» — e co' os nevados braços,  
— Nivea eadea de formosos lirios —  
Quer estreitar ao seio, em doce abraço,  
Seu caro esposo; mas em vez do seio  
Junto do coração lh' encontra um ferro. . . .  
Grita. . . . estremece: — e o rosto, já coberto  
Da pallidez da morte, encosta á face  
Do perfido assassino. . . . — «Esposo, esposo,  
Alma d'est'alma, assim me deste a morte? . . .  
Na flor da vida. . . . como abraço extremo. . . .»  
Disse, e, n'elle fitando os ternos olhos,  
N'um ultimo sorrir, na voz da morte,  
*Esposo*, inda repete e cae e expira  
Balbuciando a custo: «*esposo! esposos!*»

Immovel, como a pedra d'uma campá,  
No corpo da infeliz os olhos crava  
O misero amador. A' flor do rosto  
Do desespero e raiva a luz lhe brilha....  
Estremece.... o semblante é fogo e sangue....  
Tremem-lhe os membros, tremem-lhe na fronte  
As alterosas, encruzadas veias!  
Chorou em fim, e o ferro ensanguentado,  
Arrebatando da consorte ao peito,  
Aponta ao coração: — « *Esposa! esposa!*  
*Anjo, — fui n'este mundo o teu verdugo....*  
*Serei escravo teu na eternidade!* »  
— Disse.... e porem ás crespas, salsas ondas  
Do vencedor a espada, d'um só golpe  
Antes que o ferro ao coração chegasse,  
Ensanguentado lh' arremeça o craneo....

Entre os gemidos do infeliz vencido,  
No bolicio das ondas emballados  
Deixae dormi-los, que no somno eterno,  
Na paz do tumulo, em sonhar d'amores,  
Não gemem tristes c'os vergões d'escravos,

**FIM.**



**N**ão obstante termos tido algum cuidado com a revisão das *provas*, não podemos todavia evitar alguns erros typographicos, cujos principaes aqui apontamos.

Pag.	Versos.	Erros.	Emendas.
13	7	christão	christã
34	20	bella e contente	bella, innocente
36	22	como o raio	como o raio,
55	6	á soidão,	a soidão,
59	8	cinzel?	cinzel.
159	5	arreigar-me	ameigar-me
"	12	meivos	meigos.



*Servo*

7



Silva

Junior.

Junior.

Junior.

Junior.

Porto  
D. de. L. bil.  
etc  
1857







This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

APR 13 1971 ILL

~~CANCELLED~~  
P320450

FEB 16 1974 ILL

~~CANCELLED~~  
4375-517

BOOK DUE WID

JUL 7 1979

~~CANCELLED~~  
6281015  
1978

Port 5946.3.20  
Vozes d'alma.  
Widener Library

002810418



3 2044 080 821 713